

FERNANDA MORAES NEMEC

“A FUNÇÃO DA PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA INFANTIL NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DIFICULDADES DA FALA”

CURSO DE PSICOLOGIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo

2011

FERNANDA MORAES NEMEC

“A FUNÇÃO DA PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA INFANTIL NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DIFICULDADES DA FALA”

Trabalho de Conclusão de
Curso como exigência para a
graduação no curso de
Psicologia, sob orientação da
Prof^a Célia Maria de Souza
Terra

CURSO DE PSICOLOGIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo

2011

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sérgio e Izabel, por todo amor e incentivo, por sempre acreditarem em mim e nos meus sonhos. Agradeço todos os dias. Hoje sou o que sou e cheguei até aqui graças a vocês.

Célia Terra, minha orientadora neste trabalho, pela paciência e atenção.

Josefina Carvalho, minha querida supervisora, pelas sábias orientações, pelo grande carinho, dedicação e interesse no caso.

“Julia”, por despertar em mim todo interesse e envolvimento que tive em seu caso. E aos seus pais, por tornarem possível a realização desta pesquisa.

À colaboração e autorização da DERDIC / PUC – SP.

FERNANDA MORAES NEMEC: A função da psicoterapia psicanalítica infantil no desenvolvimento da criança com dificuldades da fala.

Orientadora: Célia Maria de Souza Terra

2011

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar e verificar a contribuição da psicoterapia psicanalítica infantil no desenvolvimento da criança com dificuldades da fala, através do método psicanalítico. Como sujeito participou uma criança do sexo feminino com quatro anos de idade cujo diagnóstico é de Encefalopatia o que, neste caso, gerou altos comprometimentos da fala. No procedimento foi realizada uma entrevista de anamnese com a mãe; sessões de psicoterapia com a criança uma vez por semana com duração de 50 minutos. As sessões foram registradas e supervisionadas semanalmente e em seguida analisadas de acordo com os pressupostos psicanalíticos. Observou-se que a criança apresentou mudanças no comportamento ao longo do tempo como: o modo de brincar que se tornou condizente com sua idade; postura mais independente, autônoma e ativa frente ao outro e às diferentes situações; em decorrência disso, tornou-se mais comunicativa e expressiva, ainda que continue apresentando comprometimento na fala.

Palavras chave: Psicanálise infantil, Psicoterapia, Distúrbios da fala.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. A PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA INFANTIL.....	6
3. ETAPAS DO BRINCAR INFANTIL.....	17
4. METODOLOGIA.....	24
4.1 <i>Método Psicanalítico</i>	24
4.2 <i>Coleta dos Dados</i>	27
4.2.1 <i>Sujeito</i>	27
4.2.2 <i>Instrumentos</i>	29
4.2.3 <i>Procedimento</i>	32
5. ANÁLISE DAS SESSÕES.....	34
6. DISCUSSÃO.....	63
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
8, REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
9. ANEXOS.....	71

1. INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2010, iniciei estágio na Clínica Prof. Dr. Mauro Spinelli da DERDIC (Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação) /PUCSP – “*O Estudo Psicodiagnóstico na Clínica das Alterações da Audição, Voz e Linguagem*”. Nestes encontros semanais os estagiários participam de seminários teóricos que visam, a partir de um referencial psicanalítico, discutir textos e pensar questões da clínica infantil. Algumas das questões abordadas são: como se dá uma entrevista com os pais; os primórdios da constituição psíquica da criança e o brincar na clínica infantil. Também são organizados encontros com outros profissionais que atuam na clínica. Neste estágio, atendi uma vez por semana uma criança de quatro anos de idade que ainda não desenvolveu sua linguagem.

Freud (1933) aponta que para se realizar o método da psicanálise com as crianças é preciso modificar a técnica de tratamento elaborada para os adultos. Segundo o autor, a criança é um objeto muito favorável para a terapia analítica e, psicologicamente, um objeto diferente do adulto por não possuir um superego, não tolerar muito os métodos de associação livre e a transferência não se dá como nos adultos, desempenhando, portanto, outro papel.

Sobre estas questões apontadas por Freud, Angela Vorcaro (2004) afirma que as mesmas demarcam certas particularidades da clínica com as crianças; a pouca tolerância à associação livre, a naturalidade do domínio de analistas mulheres e a concretude dos progenitores enquanto lugares de extensão da transferência e da resistência. Ainda segundo a autora, afirma que deste modo, Freud torna a criança abordável pela psicanálise, ou seja, comprova que é possível realizar psicoterapia psicanalítica em crianças, tendo em vista o que sua condição de filho recobre.

Em relação à intervenção psicanalítica junto às crianças, destaca-se como uma de suas precursoras, a pedagoga vienense Hermine Von Hug-Hellmuth. Apesar de sua obra ter sido pouco conhecida e pouco publicada, Hermine é considerada pioneira na área da Psicanálise. Uma de suas importantes propostas foi a de utilizar o jogo como uma maneira de se aproximar da criança inicialmente; fazendo do brincar um meio de expressão propício à comunicação com o inconsciente da criança.

Freud viabilizou modificações às noções já existentes acerca da criança e da infância e, em 1933, retoma a discussão sobre a expansão do campo teórico e clínico da psicanálise para a prática analítica com as crianças. Nessa mesma época, as psicanalistas Anna Freud e Melanie Klein, já haviam publicado seus primeiros trabalhos sobre o tema, partindo dos trabalhos de Freud e de suas teorias. Contudo, o que resultou foram teorias diferentes das de Freud.

Em 1909, Freud realiza a primeira análise com uma criança. Esta foi com o ‘Pequeno Hans’ e só pode ser viabilizada com a ajuda de seu pai. Esta experiência foi de grande importância para a história da Psicanálise, pois demonstrou que o método psicanalítico poderia também ser aplicado em crianças.

Segundo Poppovic (1968) há muita discordância entre os autores quanto ao nome a ser dado à dificuldade e/ou atraso na fala e linguagem. A autora explica que autores como Ajuriaguerra (1958) fazem uso de termos variados como “Retardos no desenvolvimento da fala”; “Impercepção Auditiva”; “Audimudez”; entre outros. Este último termo, a audimudez, é considerado um quadro constituído por um “retardo grave na aquisição da fala que não pode ser atribuído a anormalidades do aparelho articulador, da audição periférica ou da inteligência” (POPPOVIC, 1968).

A autora ainda esclarece que para Ajuriaguerra (1958) cabe fazer uma divisão dos auditivos em dois grupos: 1) Com dificuldades práticas e/ou com problemas de organização tempo-espacial. 2) Com problemas complexos de percepção auditiva.

Desse modo, percebe-se que o quadro definido por Ajuriaguerra como Audimudez implica numa desorganização do sistema funcional da linguagem, o que torna a dificuldade de aquisição da fala sua principal característica.

Poppovic (1968) se refere à linguagem como sendo um complexo sistema funcional de importância fundamental para a aprendizagem. A fala, a leitura e a escrita são manifestações desse sistema funcional.

“A formação da linguagem depende tanto do contato social como de uma constante exercitação e atividade que promovem o desenvolvimento das interconexões necessárias ao engendramento dos sistemas funcionais mais elevados.” (ANA MARIA POPPOVIC, 1968, p.29)

Segundo a autora, na mediação dos processos mentais a linguagem exerce um papel decisivo, pois ela possibilita a generalização, o pensamento lógico, adquirir, reter e selecionar conceitos, o que viabiliza a criação de novos sistemas funcionais. A criança busca descobrir e explorar o mundo através da linguagem, solicitando a ajuda do outro para aprender os nomes dos objetos, *“as categorias nas quais ordenará o mundo, as possibilidades e sanções que lhe são oferecidas em*

suas relações sociais, transformando sua esfera afetivo-motivacional em cognitiva.”
(POPPOVIC, 1968, p.31).

Quanto à aquisição da fala, Poppovic (1938) aponta que é necessário além de uma boa capacidade de perceber auditivamente e um aparelho fonador íntegro, do ponto de vista motor, para que a criança aprenda a falar. A percepção visual, a coordenação motora, a orientação espacial, noção de esquema corporal, bem como a estruturação temporal precisam estar presentes e inter-relacionadas nesta fase de desenvolvimento da criança. A autora afirma também que através da fala a função perceptiva da criança pode ser modificada, deixando as impressões concretas, passando a lidar com conceitos e relações generalizadoras. Deste modo, percebe-se que a *“fala tem um papel básico no desenvolvimento global do indivíduo”*. (POPPOVIC, 1968, p.32).

Nas crianças, as dificuldades referentes à fala freqüentemente são percebidas tardiamente, quando a criança já se encontra com 3 ou 4 anos de idade e ainda não produz palavras, frases ou possui um vocabulário muito escasso.

Para a aquisição da linguagem de maneira completa e saudável, a criança passa por diversas etapas em diferentes idades, em cada etapa ela adquire novos repertórios e conhecimentos lingüísticos. Os sinais que podem alertar os pais são aqueles que surgem quando a criança se encontra numa faixa etária e sua linguagem não corresponde a esta idade, não consegue avançar. É necessário, então, realizar uma avaliação para verificar se a fala da criança e suas características estão coerentes com sua idade.

A partir dos conceitos citados e tendo em vista a escassez de pesquisas realizadas referentes à relação da psicoterapia aplicada em sujeitos com alteração da voz e/ou linguagem, a presente pesquisa tem como um de seus objetivos

contribuir para com o acervo de estudos sobre a Psicoterapia Psicanalítica Infantil demonstrando sua importância e valor. Assim, surgiu uma necessidade de fazer um aprofundamento apontando algumas questões em específico. O presente estudo tem também como objetivo fundamentar a psicoterapia psicanalítica infantil dando ênfase nas suas contribuições em tratamentos de crianças com dificuldades da fala. Portanto, o objetivo específico será verificar quais são as funções da psicoterapia psicanalítica infantil no desenvolvimento da criança com dificuldades da fala e quais suas possíveis contribuições para este desenvolvimento, em específico da criança aqui estudada. Através de levantamentos teóricos e dos atendimentos semanais, pretende-se fazer um estudo de caso utilizando recortes de algumas sessões que possam contribuir para caracterizar a criança em questão.

(Obs.: Cabe esclarecer que o termo Audimudez foi utilizado apenas como uma aproximação e comparação das dificuldades da fala apresentadas pela criança estudada nesta pesquisa. Em momento algum foi comprovado no diagnóstico da criança que ela apresentava Audimudez.)

2. PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA INFANTIL

- **História da Psicanálise Infantil e Psicoterapia Psicanalítica Infantil**

A análise infantil teve início quando Freud efetuou a análise do “Pequeno Hans” (Análise da Fobia de um Menino de 5 anos – 1909). A psicanalista Melanie Klein (1969) discorre sobre a importância teórica dessa primeira análise com uma criança. Essa grande importância se deu por dois motivos principais: o êxito da análise com Hans e a demonstração, através da mesma, das tendências infantis instintivas descobertas no adulto por Freud. O êxito significa a confirmação de que os métodos psicanalíticos também podiam ser aplicados a crianças pequenas. (KLEIN, 1969)

De acordo com Fagundes (2006) a psicoterapia psicanalítica tem sua origem no *setting* da psicanálise e em comparação com esta última, a psicoterapia de base psicanalítica possui um menor número de sessões. O autor cita Wallerstein (1975) para falar sobre metas, finalidades, atividade terapêutica e nível de descoberta pessoal da psicoterapia psicanalítica. Em relação às metas, a psicoterapia psicanalítica ajuda na resolução de alguns conflitos, podendo deixar outros inexplorados, lidando de maneira seletiva com a transferência. Sua finalidade é a resolução de sintomas. Quanto ao método, a psicoterapia psicanalítica utiliza menos associação livre em comparação com a psicanálise e limita a regressão. Como atividade terapêutica a ênfase é dada à situação de vida e comportamentos do paciente. Quanto ao nível de descoberta pessoal, possui limites de tempo e de acesso ao inconsciente, com descoberta pessoal mais limitada. (WALLERSTEIN, 1975 apud FAGUNDES, 2006, p. 69).

As autoras Maria Dias Soares e Mary Ono (2008) falam do percurso da pedagoga vienense Hermine Von Hug-Hellmuth que em 1908 tornou-se a primeira psicanalista de crianças. Foi admiradora da obra de Freud, o que a levou a aplicar seus ensinamentos na educação das crianças, bem como trazer a teoria psicanalítica ao conhecimento de pais, mestres e educadores.

Hug-Hellmuth aponta em seus trabalhos que a criança está imersa em experiências reais as quais dão origem à sua neurose. Afirma, também, que há uma dificuldade na análise de crianças e que estas não desejam mudar nem modificar sua atitude em relação aos que a cercam.

Uma de suas importantes propostas foi a de utilizar o jogo como uma maneira de se aproximar da criança inicialmente; fazendo do brincar um meio de expressão propício à comunicação com o inconsciente da criança. A partir destas propostas, Hermine considera que a análise de crianças deve tornar pré-conscientes os conteúdos inconscientes, limitando-se a este processo.

“Na análise de adultos esperamos uma tomada de consciência plena dos impulsos inconsciente, nas crianças basta uma ‘espécie de confissão’ sem palavras, em um ato simbólico. A análise de crianças nos ensina que os acontecimentos psíquicos são admitidos em organizações muito diferentes daquela dos adultos, [...] possivelmente, o ato de relacionar proposições novas com impressões antigas se dá no pré-consciente”. (HUG-HELLMUTH, apud PETOT, 1982:114)

Por conta dessa diferença na análise de adultos e na análise de crianças apontada por Hug Hellmuth, ficou claro que para a análise infantil seria necessária uma técnica para sua execução, tal técnica surge com as obras de Anna Freud e Melanie Klein que posteriormente darão origem às duas escolas de psicanálise de crianças. (ABERASTURY, 1982). A autora aponta que há diferenças fundamentais na postura e na visão de cada escola, tanto no manejo da transferência, quanto nos conceitos teóricos como, por exemplo, na formação do ego, do superego, do Complexo de Édipo e da relação de objeto.

Para Melanie Klein (1969) a capacidade de transferência tanto negativa quanto positiva é espontânea na criança e esta transferência deve ser interpretada pelo analista. Este não deve em nenhum momento se colocar no papel de educador. A autora destaca que a transferência ocupa o lugar de instrumento principal para dar acesso ao que acontece na mente da criança, bem como para descobrir sua história inicial.

Em sua teoria, a criança vive uma pressão das ansiedades primárias e essa pressão leva a compulsão à repetição, conduzindo a simbolizações e personificações. Dessa forma são reeditadas pela criança suas primeiras relações de objeto. As crianças, através do mecanismo de identificação projetiva, fazem transferências positivas ou negativas com os objetos e isso pode aumentar ou aliviar sua ansiedade. Tal mecanismo encontra-se na base da situação transferencial.

Na base da atividade lúdica e da capacidade de transferência encontram-se alguns mecanismos essenciais, são eles: a substituição do objeto originário, distribuição de sentimentos em múltiplos objetos e a elaboração de sentimentos de perda através da experiência de afastamento e recuperação.

A projeção e a destruição são as primeiras defesas da criança em sua relação com o objeto e estas surgem a partir de suas tendências agressivas. Na situação de análise, a criança projeta, com uma intensidade variável, nos brinquedos e no analista suas tendências destrutivas e amorosas. Quando a criança brinca em análise, ela pode colocar o analista em diversos papéis. Através da projeção pode personificar o Id dando abertura a suas fantasias, sem causar-lhe grandes ansiedades.

Klein (idem) aponta que assim como na análise de adultos encontramos na análise de crianças resistências bastante demarcadas. Estas resistências são manifestadas como crises de angústia, como mudança de brincadeira ou interrupção de alguma atividade, aborrecimento, desconfiança. Cabe apontar que estes episódios variam com os casos e com as idades.

Em relação à proposta de Anna Freud (1927), um trabalho prévio não analítico com o objetivo de preparar a criança para o tratamento é necessário pelo fato de esta não ter a capacidade de transferência. No entanto, cabe colocar que para a autora é estabelecido entre a criança e o analista uma relação na qual demonstra muita das experiências vividas com os pais. Portanto, este trabalho prévio não analítico busca preparar a criança para o tratamento, proporcionando consciência de enfermidade, possibilitando confiança na análise e no analista, bem como criar uma transferência positiva de modo que faça a decisão externa de analisar-se tornar-se interna. Anna Freud considera importante criar um vínculo com o paciente que seja suficientemente forte e positivo, pois seria uma forma de garantir a continuidade do tratamento.

Anna Freud (1927) destaca como diferença entre a análise de crianças e adultos a imaturidade do superego infantil. A tarefa realizada nesse superego infantil

durante o tratamento é não só analítica, mas também pedagógica, pois para a autora o analista irá gerar impressões e revisar as exigências que são impostas pelo mundo exterior à criança.

Aberastury (1982) aponta que na proposta de Anna Freud a tarefa analítica também é pedagógica, dando ao analista um lugar de educador. O analista também deve assumir a orientação da criança para assegurar a conclusão do tratamento, completando o trabalho interno com uma ação exterior. Para Anna Freud esta é a diferença considerada fundamental na análise de adultos e de crianças, que esta relacionada a idéia de imaturidade do superego infantil que ainda depende dos objetos exteriores que o originaram. O analista deve, portanto, ocupar o lugar do ideal de ego infantil durante a análise.

Anna Freud (1927) considera que apenas com a transferência positiva o analista consegue alcançar um trabalho útil com a criança. Portanto, tendo atingido a transferência positiva pelo método não analítico, ela busca evitar o surgimento de uma transferência negativa, mesmo esta sendo importante para o conhecimento dos conflitos da criança. Contudo, se o analista não consegue evitar este surgimento da transferência negativa, esta deve ser dissolvida imediatamente através de meios não analíticos. A análise infantil necessita de uma vinculação positiva muito mais intensa se comparada com a do adulto. Afinal, além do objetivo analítico, há o objetivo pedagógico para com a criança.

Para a realização do trabalho analítico com crianças, Anna Freud (idem) utiliza-se da interpretação de sonhos, bem como dos desenhos produzidos nas sessões analíticas. A análise da atividade lúdica do paciente durante a sessão é vista como técnica auxiliar.

Winnicott (1975) possui outra opinião quanto ao uso das brincadeiras durante a sessão. Aponta que o material que o psicoterapeuta irá trabalhar será o conteúdo das brincadeiras de seu paciente. Caso o paciente não seja capaz de brincar, o psicoterapeuta deve dirigir seu trabalho a fim de levá-lo a conseguir brincar. Winnicott ressalta a importância das brincadeiras quando afirma que estas são universais e próprias da saúde, pois facilitam o crescimento e, por consequência, a saúde. Afirma também que o brincar é uma forma de comunicação na psicoterapia e que este é por si mesmo uma terapia que possui aplicação imediata e universal.

Winnicott sugere aos psicoterapeutas que dêem um maior espaço e importância ao brincar do que as constantes interpretações. Nesse sentido, o autor faz uma relativização da importância da interpretação do brincar na clínica:

“Interpretar quando o paciente não tem capacidade para brincar, simplesmente não é útil, ou causa confusão. Quando existe um brincar mútuo, então a interpretação, segundo os princípios psicanalíticos aceitos, pode levar adiante o trabalho terapêutico. Esse brincar tem de ser espontâneo, e não submisso ou aquiescente, se é que se quer fazer psicoterapia.” (WINNICOTT, 1975, p.76)

Klein (1969) aponta que foi observado através da análise de crianças pequenas que o conflito edípico é estabelecido na segunda metade do primeiro ano de vida e que este conflito passa a ser simultaneamente modificado pela criança que também passa a construir o seu superego.

Uma das condições para o sucesso de um tratamento psicanalítico é a capacidade do paciente de reconhecer que possui uma demanda, que saiba minimamente que necessita de auxílio e que possa trazer esses conteúdos em sua fala na análise. No caso das crianças isso não acontece. Segundo Klein (idem), a criança possui uma fraca relação com a realidade, fazendo com que aparentemente não exista incentivos para que esta entre em processo analítico, se submeta à análise. As crianças, diferente dos adultos, não se sentem doentes e não possuem a capacidade de nos fornecer as associações livres verbais.

A expressão das fantasias, dos desejos e experiências da criança se dá através do brincar, através das expressões simbólicas. Quando a criança brinca, ela age, atua ao invés de falar. Contudo, a autora ressalta que o simbolismo constitui somente uma parte dessa linguagem da criança. Tal linguagem é semelhante à linguagem dos sonhos e o analista conseguirá compreendê-la plenamente se fizer uma leitura parecida com a interpretação de um sonho.

Para que a interpretação do brincar ocorra da maneira correta é importante que o analista saiba compreender e olhar todos os mecanismos e métodos de representação utilizados durante o jogo, percebendo que há uma relação entre cada fator isolado com o contexto geral. Isto significa que ao desvendar apenas o significado de símbolos isolados do brinquedo, o analista perde de vista a situação global, fazendo com que, possivelmente, sua interpretação seja incompleta.

Klein (ibidem) ressalta que durante uma análise um mesmo brinquedo pode ter diversos significados diferentes para a criança. Portanto, estes significados poderão ser compreendidos se forem conhecidas suas conexões ulteriores e o contexto analítico geral em que estão situados.

“As crianças, freqüentemente, expressam, em seus brinquedos, a mesma coisa que acabaram de nos contar em um sonho; ou fazem associações a um sonho no brinquedo que se lhe segue, pois brincar é o meio de expressão mais importante da criança.”
(MELANIE KLEIN, 1969, p. 31)

Nesse sentido, ao se utilizar da técnica de interpretar o brincar como se fosse um sonho percebe-se que a criança faz associações ao elementos isolados de seu brinquedo assim como o adulto associa os elementos isolados de seu sonho. É importante ter em vista que cada elemento lúdico trazido pela criança na sessão é uma indicação para o analista, uma vez que a criança também fala enquanto brinca.

Em relação à interpretação, Klein (idem) destaca que esta freqüentemente produz efeitos rápidos e que tais efeitos podem ser notados no modo como a criança irá retomar um jogo que fora interrompido por conta de alguma inibição. A criança, portanto, começará a modificar este jogo, bem como ampliá-lo de modo que os conteúdos mais profundos de seu psiquismo possam transparecer. Quando o analista faz alguma interpretação para a criança, esta experimenta um aumento de prazer em suas brincadeiras ou em determinado brinquedo que possa ter sido alvo da interpretação. Isso faz com que se torne desnecessário a energia gastada pela criança para manter esse recalamento. As interpretações também intensificam a transferência. A autora ressalta que o contato analítico é constituído firmemente com as interpretações, pois estas diminuem a angústia da criança restaurando o prazer de brincar.

Após algum tempo de análise, uma parte considerável da angústia da criança passa a ser resolvida através da interpretação. Isto gera uma sensação de alívio que, muito provavelmente, irá ajudá-la a seguir com o trabalho. Esta sensação de alívio produz na criança um insight da utilidade e do valor do procedimento de análise. É apontado por Klein (ibidem) que após estas experiências, a criança começará a distinguir entre os objetos simbólicos de suas brincadeiras das pessoas de seu mundo real que são representadas por esses objetos, por exemplo, irá distinguir seu irmão real daquele irmão representado pelo brinquedo. *“(A criança) insistirá que apenas quis fazer isto ou aquilo ao seu irmão de brinquedo, mas que gosta muito de seu irmão real.”* (Klein, 1969, p.34)

Klein (idem) pontua com clareza que embora os princípios de análise da criança sejam os mesmos da análise do adulto, a situação analítica vivenciada por ambos será diferente. Os princípios para estabelecer e manter uma situação analítica considerada correta são: interpretação sistemática, análise contínua das resistências, paralelo freqüente e constante entre a transferência e as situações anteriores. É importante também, no caso da análise infantil, que o analista não exerça influências pedagógicas e não analíticas sobre a criança. O modo como o analista deve lidar com a transferência é o mesmo como o faz no caso dos adultos.

Por fim, para a criança que passa por uma análise completa terá como conseqüências o total esclarecimento sexual e a plena adaptação à realidade. Klein (ibidem) afirma que a ausência de uma dessas conseqüências indica que a análise não foi concluída com êxito.

Antes do início da psicoterapia com a criança Aberastury (1982) afirma que deve ser feita uma entrevista inicial somente com os pais e que a criança deve ser informada deste encontro. É importante que pai e mãe participem da entrevista, no

entanto a autora aponta que é comum comparecer apenas a mãe e raramente algum outro membro da família ou amigo do casal. Este é um fator importante a ser observado pelo analista, pois tais situações podem ser indicativos do funcionamento familiar na relação com o filho. Caso compareçam pai e mãe, a autora atenta para o cuidado que deve ser tomado se o analista produzir um melhor entendimento com algum dos pais, não se deve mostrar preferência por algum deles para não ser gerada uma situação de conflito entre esses pais, mas sim este diálogo deve servir para um melhor entendimento do problema trazido por eles.

Para se ter um juízo próximo do real sobre o funcionamento da família, e mais especificamente do casal, a autora afirma que é importante considerarmos a impressão deixada nessa primeira entrevista e também considerando todas as informações dadas pelo casal. É importante que o clima da entrevista não se assemelhe a de um interrogatório e que não passe a idéia para os pais de que eles estão sendo julgados por algum motivo. Essa entrevista deve acalmá-los, no sentido de diminuir a ansiedade causada pelo conflito do filho e o analista deve desde o primeiro momento se colocar no lugar de terapeuta do filho, interessado pelo problema do mesmo. Este critério não deve ser abandonado em nenhum momento durante o tratamento. Isso evitará perguntas desnecessárias, desvios do tema ou que os pais passem a fazer confidenciais de suas vidas pessoais.

A entrevista inicial tem como objetivo dar ao analista alguns dados básicos sobre a criança antes que se inicie o tratamento. Portanto, o motivo da consulta, história da criança, a descrição de um dia comum de sua vida atual, a relação com os pais, a relação dos pais entre si e com o meio familiar, são dados que o analista deve conseguir obter antes que finalize a entrevista.

Quanto à história da criança, Aberastury (1982) aponta que é importante o analista saber sobre a resposta emocional, principalmente da mãe, à descoberta da gravidez, bem como se esta foi ou não desejada. Este rechaço emocional da mãe ao descobrir a gravidez, descobrir o sexo do bebê, etc, deixa profundas marcas no psiquismo da criança.

Riviere (1969) afirma que durante todo o trabalho psicanalítico com a criança deve haver uma compreensão das ansiedades e defesas que surgem no ego, como consequência das mais remotas relações objetais dessa criança.

O autor pontua que os impulsos e conflitos que ocorrem numa criança que ainda não possui meios de expressão direta aparecem na análise em forma de repetição e esta deve ser considerada como evidência desses conflitos inconscientes.

Nas primeiras semanas de vida do bebê a mente possui caráter narcisista sendo governada pelo princípio de prazer-dor e seu ego é considerado um ego corporal. A psique do bebê ignora a existência de um mundo externo, é a fase da identificação primária. Desde o momento do nascimento até uma experiência de satisfação, a psique do bebê grava todas as impressões de experiência dolorosa sentida pelo ego e estas são apreendidas de um modo narcisista. A partir disso, o bebê tenta preservar intacto o seu ego-prazer buscando identificar-se com todos os estímulos agradáveis e afastando-se dos dolorosos.

Sobre o desenvolvimento da fala na criança, Isaacs (1969) menciona um aspecto importante quando afirma que o tempo que a criança leva entre a compreensão de uma palavra e o seu uso de maneira correta varia muito de criança para criança. No entanto, o atraso em relação a essa compreensão geralmente é notado durante toda a infância.

3. AS ETAPAS DO BRINCAR INFANTIL

Segundo Aberastury (1992), os brinquedos são para a criança instrumentos de uso para o domínio de situações penosas, difíceis e traumáticas. São substituíveis e permitem que a criança possa usá-los diversas vezes com o intuito de repetir vivências prazenteiras e dolorosas, as quais a criança não pode reproduzir por ela mesma no mundo real. Através das atividades lúdicas, a criança possui a chance de expressar seus conflitos internos para o terapeuta, da mesma forma que o adulto o faz por meio das palavras.

Quanto às brincadeiras, a autora destaca que as crianças deslocam para o exterior seus medos, angústias e conflitos internos quando estão brincando, o que possibilita que elas possam dominar tais sentimentos com sua ações.

“Repete no brinquedo todas as situações excessivas para seu ego fraco e isto lhe permite, devido ao domínio sobre os objetos externos a seu alcance, tornar ativo aquilo que sofreu passivamente, modificar um final que lhe foi penoso, tolerar papéis e situações que seriam proibidas na vida real tanto interna como externamente e também repetir à vontade situações prazerosas.” (ABERASTURY, 1992, p.15)

Para Aberastury (idem), as bases da atividade lúdica, bem como da capacidade de transferir afetos para o mundo externo são constituídas por três fatores principais, são eles: a substituição do objeto originário, a distribuição de

sentimentos em múltiplos objetos e a elaboração de sentimentos de perda. Este último se dá através da experiência de perda e recuperação. (Ford da – Freud)

A relação da criança com os objetos originários possui como base, aponta Aberastury, o mecanismo da identificação projetiva, isto significa que há transferências positivas e negativas na relação com os objetos conforme estes excitam ou aliviam a ansiedade da criança.

Nas brincadeiras, percebe-se que o objeto freqüentemente modifica-se, deixando de ser bom para ser mau, ou deixando de ser o aliado para tornar-se o inimigo. A autora destaca que isso ocorre por meio das personificações do brinquedo, por conta disso, o brinquedo infantil, geralmente, progride de forma constante para identificações que sejam cada vez mais apropriadas da realidade.

A atividade lúdica é iniciada por volta dos quatro meses de idade, afirma Aberastury (1992). Nessa época, os objetos podem funcionar como símbolos e, simultaneamente a isso, ocorrem modificações em seu corpo, o que irá facilitar a exploração do mundo a sua volta. Também é apontado pela autora que o bebê aos quatro meses começa a ser capaz de controlar os seus movimentos, podendo aproximar suas mãos dos objetos que estejam próximos.

A primeira atividade lúdica que pode ser observado na criança pontua a autora, é o brincar de se esconder. Através desta brincadeira a criança elabora a angústia de desprendimento. Por meio da utilização dos brinquedos, a criança começa a perceber e elaborar que as pessoas e os objetos a sua volta podem aparecer e desaparecer. A criança brinca com os objetos, escondendo-se atrás do lençol, por exemplo, e tornando a aparecer em seguida. Da mesma forma, brinca com seus olhos, abrindo-os e fechando-os, o que dá um sentido de perder o mundo ou possuí-lo, conforme explica Aberastury (1992)

Esta também é a fase das primeiras tentativas de expressão verbal, chamadas balbucios. *“Assim como a palavra, começam a ser um objeto concreto para sua mente e também com eles pode brincar. Sua repetição é um brinquedo verbal, pode fazer com os sons o que já experimentou com os objetos”* (ABERASTURY, 1992, p.28).

O bebê, nesta fase, geralmente é capaz de dispor de um bom tempo reconhecendo os objetos, afastando-os e aproximando-os de si. Quando consegue encontrar um modo de elaborar suas angústias de perda, esclarece Aberastury, o bebê exige de modo urgente e incontrolável que seus pais estejam por perto, pois são estes os seus verdadeiros objetos. A partir deste momento, inicia-se o processo de abandono da relação única com a mãe, dando espaço para poder aceitar a presença do pai.

Em torno dos sete ou oito meses, passa a existir um novo interesse em seus brinquedos; a criança se depara com algumas descobertas no brincar quando percebe que algo oco pode conter objetos, ao passo que algo penetrante pode entrar num objeto oco. Deste modo, a criança começa a explorar tudo o que seja penetrável. Essa sua descoberta demonstra *“(...) o anúncio da forma adulta de manifestar amor: entrar em alguém, receber a alguém dentro de si, unir-se, separar-se.”* (ABERSTURY, 1992, p.34)

Ainda nesta fase, as crianças passam a brincar com coisas inanimadas, como por exemplo, buraco da banheira, canos, esgotos, fendas na parede, entre outros. Tudo o que a criança percebe que pode por e tirar algo de dentro, ou que pode unir e separar, torna-se objeto para suas brincadeiras.

Começa a aparecer nos brinquedos, por volta dos oito e doze meses, a diferença anatômica dos sexos, pontua Aberastury (idem). Este brincar começa a

adquirir formas de expressão dessas diferenças anatômicas, assim, as meninas demonstram preferência por colocar objetos num lugar oco, ao passo que os meninos buscam objetos aos quais possam penetrar. Cabe ressaltar que para a autora, tais interesses não são considerados exclusivos, ou seja, a condição bissexual das crianças lhes permitem explorar também o brinquedos do sexo oposto. Contudo, a autora aponta que já nesta época é possível que a criança faça uma escolha bem clara de seus brinquedos de acordo com seus interesses.

A criança começa a elaborar modelos fantasiados sobre a concepção a partir das fezes e da urina que seu corpo produz, as substâncias sólidas tornam-se símbolo de sua capacidade criadora, explica Aberastury (1992).

Ao final do primeiro ano, observa-se que começam a surgir, tanto no menino quanto na menina, uma identificação com a mãe e desejos de ter um filho. Tal desejo começa a ser originado a partir das fantasias de união criadas pela criança. As formas esféricas passam a ter grande importância simbólica para a criança nesta fase, pois além de representarem seu próprio corpo, também representam o corpo de sua mãe.

As brincadeiras com bonecas e animais abrem espaço para o aprendizado da maternidade e paternidade, uma vez que corporificam os filhos que estão sendo imaginados pelas crianças neste momento. Portanto, estes brinquedos serão alvos de afeto e maus tratos.

A criança começa a desenvolver certo interesse por recipientes que possa derramar substâncias de um objeto para o outro, isto ocorre em torno dos dois anos. Aberastury pontua que esta atividade implica num possível indício de que a criança está necessitando aprender a controlar seus esfínteres. Nessas brincadeiras a criança pode fazer uso de tampas, talheres, frigideiras, entre outros, pois são objetos

que servem para receber e oferecer alimento aos seus filhos, bem como para submetê-los a privações. Esta brincadeira pode trazer para a criança experiências de perda e de recuperação.

Em torno dos três anos, tanto os meninos quanto as meninas irão demonstrar grande interesse por carros e locomotivas. Nesta fase, a organização genital vem se desenvolvendo aos poucos, abrindo espaço para que surja nas crianças uma necessidade de se envolverem em experiências genitais, o que é sublimado através dos brinquedos e do brincar. Através de suas brincadeiras podem representar tanto as fantasias de vida amorosa dos pais como as de si mesmos, bem como atividades masturbatórias e de nascimento de filhos. A autora exemplifica que as garagens e pontes que utilizam os trens podem ser utilizadas para brincadeiras que envolvam penetração, as quais estão profundamente ligadas com a alimentação e reparação.

Começam a surgir interesses pela limpeza e pela organização, pois nesta fase a destruição e desordem geram angústia nas crianças, esclarece Aberastury (1992). Inicia-se, então, uma luta contra tais tendências destruidoras. É observado que nesta fase o brinquedo amplia-se em seus sentidos e representações, o que demonstra que a intensidade do brincar, assim como as produções das fantasias admitem que o terapeuta possa avaliar a harmonia mental.

Após o três anos de idade, as crianças passam a demonstrar interesse em reconhecer o seu próprio corpo, assim como o das crianças do sexo oposto. Nesta faixa etária, quando a criança desenha o seu corpo ela já consegue produzir em sua mente uma imagem integral desse corpo, o que a tranquiliza.

Entre os três e cinco anos as brincadeiras sexuais entre as crianças começam a ser freqüentes e despertam grande interesse, devido ao fato de que os desejos genitais começam a ter mais força neste momento, expressando-se de várias

maneiras nas brincadeiras sexuais, como por exemplo, brincar de mamãe e papai, de médico e enfermeira, de namorados, de casados, etc. Estas não são vistas como negativas, explica a autora, mas sim como uma forma de contribuir para um bom desenvolvimento psíquico, uma vez que satisfazem possíveis necessidades de ver e serem vistos, tocar e se mostrar.

A partir dos cinco anos de idade meninos e meninas interessam-se por diferentes tipos de brincadeiras. Os meninos obtêm prazer com brincadeiras relacionadas à conquista, ao mistério e à ação. Por outro lado, as meninas demonstram interesse por brincadeiras consideradas mais tranquilas em comparação às brincadeiras dos meninos, como por exemplo, gostam de brincar de boneca, de fazer comida, simular relações sociais. Segundo Aberastury, nessa fase as meninas, identificando-se com as mães, entram na aprendizagem das características femininas.

O corpo passará a ter um papel fundamental para as crianças quando elas completam em torno de sete ou oito anos. Brincadeiras já conhecidas pelas crianças terão outros significados; “o gosto pela luta, pelas corridas, pelo futebol se intensifica; acentua-se o prazer pelo jogo de pegar e esconder, pelos brinquedos com as mãos. O apogeu desses brinquedos é o quarto escuro, onde a exploração e a procura já tem conteúdos genitais muito evidentes. A escuridão, como condição necessária, neste jogo, nasce à medida que as capacidades genitais vão se definindo mais e se torna possível a utilização dos órgãos.” (Aberastury, 1992, p.82)

Com a entrada na puberdade meninos e meninas passam a formar grupos, os quais são demarcados pelos sexos: grupos de meninos e grupos de meninas. Isto ocorre pelo fato de necessitarem conhecer os papéis e funções de cada sexo.

Aos poucos vão se desprendendo do mundo lúdico, do mundo dos brinquedos, tal desprendimento exige por parte da criança um grande esforço. Na puberdade, os grupos que antes permaneciam separados, passam a conviver juntos, o que proporcionará possibilidades de experiências amorosas as quais serão substitutas do brincar com brinquedos.

4. METODOLOGIA

4.1. Método Psicanalítico

O método psicanalítico baseia-se principalmente nas associações livres do paciente que são a garantia da validade de interpretação, segundo Laplanche e Pontalis (2001).

É um método que se encontra ligado ao método de observação do comportamento, afirma a autora Susan Isaacs (1986). Este último é constituído por três princípios considerados por ela como fundamentais na técnica da Psicanálise tanto de adultos como de crianças, são eles: *a) a atenção aos pormenores precisos do comportamento da criança; b) a observação do contexto; c) o estudo da continuidade genética.*

A seguir, serão citados alguns exemplos dos pormenores entendidos por Isaacs, como: *“(...) mudanças que ocorrem no relato, pelo paciente, dos acontecimentos em sua vida pretérita e na imagem que apresenta das pessoas que o rodeiam, à medida que a análise prossegue; as modificações na maneira de referir-se à circunstâncias e à pessoas (incluindo os nomes que lhes dá), de quando em quando, tudo serve para indicar o caráter e a atividade das fantasias que operam na sua mente. O mesmo se pode dizer das idiossincrasias da fala, ou frases e formas de descrição, metáforas e, de modo geral, o estilo verbal. (...) O analista nota a maneira e o comportamento do paciente quando este entra e sai da sala analítica, quando cumprimenta ao chegar ou ao se despedir, e enquanto está no divã; incluindo todo e qualquer detalhe de gesto ou tom de voz. (...)”* (ISAACS, 1986, p. 89). Estes tipos de pormenores são tomados como um contexto, como um pano de

fundo para as associações do paciente e para seus sonhos, auxiliando a revelar suas fantasias inconscientes.

Isaacs (1986) propõe que as observações do pormenor e do contexto sejam trabalhadas em conjunto devido ao fato de estarem intimamente ligados no trabalho analítico. Afirmar que o analista ocupa um lugar de não apenas escutar todos os pormenores do conteúdo real das falas e associações do paciente, introduzindo o que não é dito ao lado do que é dito, como também um lugar de notar quais trechos são destacados de suas falas e se estes destaques são ou não adequados.

Em relação ao “contexto”, Isaacs (idem) afirma que este pode ser visto como exemplo mais antigo e mais recente do mesmo tipo de comportamento, bem como todo enquadramento imediato do comportamento que está sendo examinado, em sua condição emocional e social. O princípio de observação do contexto é considerado pela autora um elemento essencial na técnica da Psicanálise tanto de adultos como de crianças. Afirmar também que é de grande importância saber observar em que momento a criança diz algo durante a análise, em que momento faz determinado jogo, demonstra recusa por alguma gratificação, em que momento revela sintomas de ansiedade, medo, afeição, triunfo, entre outros.

“Qual é a sua atitude emocional (da criança) geral ou o sentimento imediato em relação a esses adultos ou companheiros de brinquedo; que perdas, tensões, satisfações foram recentemente experimentadas ou estão agora sendo previstas?” (ISAACS, 1969, p. 84)

Quanto à continuidade genética, a autora afirma que este é um instrumento concreto de conhecimento. Diz respeito ao analista não aceitar qualquer fato determinado do comportamento como de geração súbita, mas sim a encará-los como itens pertencentes a uma série evolutiva, uma seqüência. O analista deve adotar uma postura de encarar os fatos como manifestações de um processo de crescimento, que deve ser acompanhado progressivamente.

Desse modo, é trabalhado na relação emocional entre paciente e analista o estudo do contexto, dos pormenores e da continuidade do desenvolvimento com o objetivo de se obter melhor compreensão da fantasia do paciente. É estabelecida uma relação transferencial, na qual o paciente transfere para o analista seus desejos, impulsos agressivos, medos e outras emoções. Os pacientes também repetirão situações de sentimento e impulso, bem como os processos mentais de que tiveram nas suas experiências.

Portanto, cabe ressaltar que, segundo Isaacs, a *transferência* é de grande importância para a compreensão do que está acontecendo na vida mental do paciente e também para obter melhor entendimento sobre sua história passada. A partir disso, a autora menciona que o principal agente da cura em Psicanálise ocorre em situação transferencial e é constituído quando o paciente consegue identificar as relações que há entre suas próprias fantasias, bem como com suas experiências passadas e situações atuais.

Aragão (2011) pontua que “*é através do filtro da transferência, com todo o seu complexo conjunto de mecanismos psíquicos envolvidos, tais como as identificações e contra identificações, as projeções, as identificações projetivas e introjetivas, que se cria o relato clínico.*” (ARAGÃO, 2011, p.23)

A autora destaca que no modelo da Psicanálise a referência central ao inconsciente é o que define sua posição epistemológica essencial, conferindo a ela sua característica específica. Cabe ressaltar que observador está profundamente implicado, ou seja, os saberes, as hipóteses, as descobertas, são constituídas dentro do cenário psicológico desse observador, o que formará as bases para a constituição de uma teoria.

4.2. Coleta dos dados

4.2.1. Sujeito

Obs.: De modo a preservar o anonimato da criança e de seus familiares, quando estes forem citados, serão utilizadas apenas as iniciais de seus nomes.

Participou desta pesquisa uma criança do sexo feminino com quatro anos de idade. A paciente J. apresenta fala bastante comprometida, produzindo apenas algumas palavras como: “mama”; “papa”; “nã-nã”. Quando quer dizer alguma coisa emite sons e não palavras ou frases. Sua condição motora também é comprometida, suas pernas tremem ao andar, fazendo com que ela não tenha muita firmeza ao caminhar e impossibilitando-a de correr. Aparentemente com quadro de *Atetose* e possível *Encefalopatia*.

A *Atetose* pode ser definida como uma patologia que apresenta sua origem numa lesão encefálica, gerando “fluxo contínuo de movimentos lentos e involuntários com posições retorcidas e alternantes que se exprimem geralmente nas mãos e nos pés, podendo em casos raros afetar também os músculos da face, pescoço e nuca.”

(fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Atetose>).

A *Encefalopatia* é definida brevemente como “nome genérico dado para qualquer alteração patológica com sinais inflamatórios relacionados ao encéfalo” (fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Encefalopatia>).

J. mora com os pais e um irmão mais velho de 9 anos. Pela manhã, fica com a mãe em casa, depois vai para o colégio onde permanece até as 18hr. Convive com o pai à noite quando chega da escola. A família dorme no mesmo quarto; pai e mãe na cama de casal, J. com o irmão numa cama de solteiro.

A paciente já passou por diversos serviços da DERDIC como fonoaudiologia; neurologia; otorrinolaringologia (foniatria) e assistência social. Passou por avaliação no SAMBE o qual constatou que J. apresenta questões motoras leves, mas que seu quadro orgânico não condiz com a forma como se apresenta, ou seja, o quadro é muito leve para a dificuldade motora que apresenta. Em setembro de 2009 foi diagnosticada com anemia após fazer exames

Na avaliação feita pelo SAMBE, a mãe L. relatou sempre carregar J. nas costas por conta de sua “fraqueza” nas pernas. Outro ponto importante a ser citado foi o fato de nessa primeira entrevista, no momento em que a psicóloga dirigiu-se a paciente, esta fez cocô na calça.

Quando J. nasceu, suas pernas tremiam. A mãe conta que ficou muito preocupada, contudo o médico disse que não era nada demais e não fez nenhum exame para investigar sobre isso. Segundo relato da mãe, a paciente sentou com apoio aos 6 meses; sentou sem apoio aos 8 meses; ficou em pé com mais de 1 ano de idade; andou com apoio com 1 ano e 6 meses e andou sem apoio com 2 anos de idade. Suas primeiras palavras foram ditas aos 4 anos de idade. Atualmente, J. dorme bem durante a noite e não acorda de madrugada.

4.2.2. Instrumentos

- **Entrevista de anamnese**

Os dados referentes à criança foram coletados em duas entrevistas realizadas com o responsável, no caso, a mãe. A segunda entrevista foi marcada após uma semana da realização da primeira. A primeira entrevista foi de anamnese com perguntas semi-dirigidas do roteiro da Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic” (como consta em anexo 3). Esta entrevista tem como objetivo obter informações sobre o histórico pessoal e familiar do paciente, seu histórico de desenvolvimento, formular hipóteses diagnósticas, para maior conhecimento do paciente e para auxiliar no presente estudo. A segunda entrevista foi realizada com o objetivo de retomar questões que a pesquisadora considere importante e também como um espaço para a mãe poder falar o que a preocupa em relação à filha.

As entrevistas foram realizadas na clínica da DERDIC e a pesquisadora se utilizará, durante a entrevista, de perguntas previamente formuladas e anotadas. Após o término de cada entrevista, foram anotados todas as informações consideradas relevantes para o tratamento da paciente e para a pesquisa. Para a obtenção de informações também foi utilizado o prontuário da paciente, este é constituído de uma pasta com seus dados pessoais, seus encaminhamentos e atendimentos realizados pelos profissionais da DERDIC, anotações referentes à cada atendimento e/ou observações importantes. As informações do prontuário foram coletadas antes da primeira entrevista com a mãe e conforme a necessidade da pesquisadora, esta se utilizou do prontuário sempre que considerou necessário. Esta pasta de dados se encontra na sala de prontuários na DERDIC.

- **Psicoterapia Psicanalítica Infantil**

Laplanche e Pontalis (2001) definem a psicoterapia como sendo “*qualquer método de tratamento dos distúrbios psíquicos ou corporais que utilize meios psicológicos e, mais precisamente, a relação entre o terapeuta e o doente*” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 393) Neste sentido mais amplo abordado pelos autores, a psicanálise seria uma forma de psicoterapia.

Ainda segundo Laplanche e Pontalis, a Psicanálise é um método de investigação o qual o analista evidencia o significado inconsciente das palavras, ações, produções imaginárias como sonhos, fantasias. Como já foi mencionado anteriormente, este é um método que possui como base as associações livres do paciente, que possibilitam uma garantia da validade da interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo.

Para Ribeiro (1986), a psicoterapia, de um modo geral, pode ser compreendida como um processo de treinamento onde duas pessoas se encontram numa relação profunda e significativa. Neste encontro, o psicoterapeuta desempenha e vive, de um lado, a função de agente de mudança e o cliente reexperiencia, do outro lado, situações passadas, buscando compreendê-las, e revivendo essas situações como presentes através de suas emoções, fantasias e sentimentos, procurando produzir um novo sentido ao próprio existir como um todo. Na psicoterapia o indivíduo adquire meios para obter uma melhor compreensão de si mesmo e do meio em que vive, adquirindo, dessa forma, uma visão real e objetiva de si e do mundo. Nesse sentido, o autor coloca a psicoterapia como um modo de auxiliar e proporcionar um crescimento e maturidade do paciente: “*O processo psicoterapêutico visa colocar em ação esta predisposição do ser humano orientada para o crescimento, independência e maturidade.*” (RIBEIRO, 1986, p. 31)

O autor cita Wolberg para uma definição deste tratamento:

“Psicoterapia é o tratamento, por meios psicológicos, de problemas de uma natureza emocional na qual uma pessoa treinada estabelece deliberadamente um relacionamento profissional com um paciente, com o objetivo de remover, modificar ou retardar sintomas, de intervir em modelos perturbados do comportamento e de promover um crescimento e um desenvolvimento positivo da personalidade.” (Lewis R. Wolberg, 1972, apud Ribeiro, 1986, p. 45)

Na psicoterapia psicanalítica com crianças, Aberastury (1982) afirma que se utiliza da técnica de jogo aplicada ao tratamento e ao diagnóstico. Observa que a criança sonhará com pouca frequência quando oferecida a possibilidade de expressar-se através de brincadeiras, acompanhadas de interpretações adequadas quando necessário. Tal fato demonstra para a psicanalista a importância do brincar em análise para as crianças, contudo afirma que os jogos e interpretações não excluem a interpretação de sonhos, sonhos diurnos e de desenhos feitos pela criança. *“O jogo, como os sonhos, são atividades plenas de sentido. A função do jogo é a de elaborar as situações excessivas para o ego – traumáticas -, cumprindo uma função catártica e de assimilação por meio da repetição dos fatos cotidianos e das trocas de papéis, por exemplo, fazendo ativo o que foi sofrido passivamente.”* (ABERASTURY, 1982, p. 49)

Destacando e valorizando o brincar na análise de crianças, bem como a presença do outro com quem a criança possa brincar, Ferro (1995) afirma que “*é somente a presença mental de alguém mais que brinque com a criança que permite que o jogo seja plenamente transformador de angústias*” (FERRO, 1995, p. 80).

4.2.3. Procedimento

Os atendimentos foram realizados na Clínica da DERDIC uma vez por semana com duração de 50 minutos numa sala que possui uma mesa com cadeiras para adultos e uma mesa com cadeiras para crianças. Foram utilizados diversos tipos de brinquedos infantis e, inicialmente, foi dada ênfase aos brinquedos pedagógicos que puderam contribuir para uma investigação sobre a condição motora da paciente. Após o término de cada sessão, foram realizadas descrições contendo os principais fatos. Tal relato foi escrito manualmente na própria sala de atendimento. Também foram realizadas semanalmente supervisões para cada atendimento. Foi apresentado para a mãe da criança o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (como consta em anexo 2).

Considerando o que foi apontado na introdução sobre a escassez de estudos referentes a este tema, a presente pesquisa contém uma revisão de literatura sobre:

- psicoterapia
- psicoterapia psicanalítica com crianças
- brincar infantil
- estudos sobre dificuldades da fala

Foram realizados atendimentos semanais na Clínica Prof. Dr. Mauro Spinelli da DERDIC/PUCSP com uma criança que não desenvolveu por completo sua linguagem. As informações coletadas nestes atendimentos pôde auxiliar na obtenção de respostas referentes ao problema de pesquisa proposto.

5. ANÁLISE DAS SESSÕES

Obs.: Em todas as sessões e análises os nomes foram alterados de modo a preservar o anonimato das fontes.

Análise 1ª sessão

Logo no início da sessão, quando Julia entra na sala no colo de sua mãe, percebemos um desejo dessa criança em voltar a ser um bebê. Quando é colocada sentada na cadeira por sua mãe permanecendo parada, assustada e acompanhando com o olhar a mãe sair da sala, pode-se levantar a hipótese de que neste momento Julia estava com um sentimento de medo que foi gerado pela situação nova, pelo ambiente novo, pelo encontro comigo, uma pessoa até então desconhecida para ela. E muito possivelmente esse medo foi intensificado por suas dificuldades físicas. Esse medo também pode ser encontrado quando, inicialmente, Julia apenas fica parada olhando para os brinquedos, sem pegá-los ou explorá-los.

“Julia começou uma brincadeira de colocar os brinquedos na sacola e jogá-los no chão, virando a sacola ao contrário, de modo que todos os brinquedos caíssem. Ela repetiu este jogo diversas vezes e sorria quando a queda dos brinquedos fazia barulho muito alto (...)”

Neste momento da sessão, com a brincadeira de deixar cair os brinquedos no chão e se mostrar feliz e surpresa com o barulho, pode-se pensar que Julia estivesse se remetendo à sua experiência de nascimento; a sacola simbolizando o útero da mãe e os brinquedos simbolizando seus objetos internos. O deixar cair seria, portanto, o nascimento que vem acompanhado com um sentimento de surpresa.

Nesse sentido, há a hipótese de Julia ter apresentado com este jogo um desejo de nascer de novo, mostrando que neste momento ela tinha se adaptado à situação, tinha se adaptado à minha presença e a partir disso, pode ter surgido um desejo de criar relação nova comigo, uma relação na qual ela possa se renovar, “nascer novamente”. Provavelmente, sua angústia persecutória gerada pela nova situação diminuiu e Julia começa a sentir-se mais segura na sessão. Pode-se afirmar que a transferência estabelecida foi positiva. Pode-se pensar também que a queda dos brinquedos pode estar relacionada com a excreção, ao seu controle de esfíncter. Assim como a queda dos brinquedos, o ato de defecar gera barulho, surpreende ou assusta, é inesperado para ela e gera prazer.

“(...) brincou com o fogão, girando os pininhos de um lado para o outro. Em seguida, pegou a batedeira e ficou abrindo e fechando diversas vezes a porta do forno e tirando e colocando a panelinha dentro do forno.”

Aqui, Julia faz duas brincadeiras que possuem o mesmo valor simbólico. Na primeira, ao girar os pininhos de um lado para o outro do fogão ela está ligando e desligando o fogão, acendendo e apagando a chama. E na segunda brincadeira, ela tira e coloca a panela de dentro do forno diversas vezes.

Pode-se dizer que nas duas brincadeiras Julia está elaborando a ausência da mãe. Ao acender e apagar a chama e colocar e tirar a panela de dentro do forno, simboliza o aparecer e o desaparecer da mãe. Algo que ela estava vivenciando naquele momento quando foi deixada pela sua mãe na sala e teve que se deparar com uma nova situação. Esta brincadeira realizada por Julia possui, então, o mesmo objetivo do jogo do carretel (*Fort – Da*) analisado por Freud em seu estudo “Além do Princípio de Prazer” (1920).

“(...) sugeri que a sacola (vazia) de brinquedos poderia ser a cama da boneca. Após dizer isso, Julia pegou a boneca e a colocou deitada em cima da sacola.”

Pode-se pensar que neste momento Julia mostra ao colocar a boneca deitada na cama uma posição passiva, que é uma situação de conforto, mostra sua posição de filha que necessita ser cuidada pela mãe.

“(...) e disse para Julia que estava na hora de guardar os brinquedos para ir embora. Ela imediatamente começou a guardá-los, me ajudando e segurando a sacola. Ficou segurando a sacola e olhando para mim.”

Ao guardar os brinquedos sem nenhuma hesitação e ao sair andando da sessão com sua mãe, Julia pôde demonstrar um possível alívio pelo término da sessão que talvez estivesse gerando angústia ou ansiedade nela.

Análise 2ª sessão

Nesta sessão, Julia se mostra mais independente e capaz do que na sessão anterior. Isto foi percebido logo no início quando ela senta no chão sozinha, sem que eu tenha que ajudá-la e toma a iniciativa de explorar o brinquedos que sente vontade, mesmo com algumas tentativas minhas de chamar sua atenção para determinados brinquedos e brincadeiras, como quando iniciei a montagem de blocos para ver seu interesse e ela continuou entretida tirando os blocos da caixa.

“Tentei mostrar para ela que havia semelhança nos formatos (peças iguais aos buracos), mas ela não se mostrou interessada, ela nem olhava o que eu estava fazendo. Continuou colocando as peças do seu jeito, forçando bastante para a peça entrar, como era no buraco errado ela não conseguia colocar.”

Neste trecho aparece um bom exemplo da independência de Julia citada anteriormente. Ela queria brincar do seu jeito, encaixar as peças do seu jeito e não demonstrou interesse nem preocupação quando apontei para ela que aquele não era o jeito correto de encaixar as peças, mostrando para ela outra possibilidade de encaixe. Tal atitude foi vista como positiva, pois aponta para uma postura ativa, uma postura de independência, de um sujeito que possui desejos e interesses, sabendo sustentá-los, não deixando que o outro interfira de modo a barrar o que está sendo feito por sua vontade.

“Puxou a cadeirinha para se sentar. Empurrando com as mãos, colocou a cadeira na minha frente e se sentou. Ficou brincando de arrastar a cadeira no chão. Depois pegou a cadeira grande e apontou para ela. Perguntei se era para mim, ela sorriu. Eu disse que não queria sentar na cadeira. Ela ficou sentada em sua cadeirinha e quis continuar a brincadeira dessa forma: eu no chão e ela na cadeirinha.”

Aqui, Julia modifica o ambiente, mexendo nas cadeiras. É outro momento no qual aparece sua atitude ativa perante a mim e à situação de análise que ainda pode ser considerada nova para ela.

“(...) quando peguei meu celular percebi que ela estava olhando e guardei na bolsa, sem dizer nada. Ela apontou para a minha bolsa emitindo sons. Eu peguei o celular de volta e perguntei “Você quer ver? É um celular! De conversar e falar alô. Eu olho as horas no celular para saber quanto tempo ainda tem de brincadeira com a você.” Ela pegou o celular e ficou apertando os botões, bastante interessada, sorrindo.”

Ao apontar para minha bolsa, tentar dizer alguma coisa e querer manusear o celular, Julia demonstra interesse por este objeto que estava chamando a minha atenção. Ela percebe que mesmo estando atenta às brincadeiras eu também estava atenta a outro objeto, ou seja, neste momento a minha atenção não estava

totalmente voltada para Julia. Isso possivelmente a remete à situação de divisão de atenção dos pais.

“Tentei mostrar para ela que havia semelhança nos formatos (peças iguais aos buracos), mas ela não se mostrou interessada, ela nem olhava o que eu estava fazendo. Continuou colocando as peças do seu jeito, forçando bastante para a peça entrar, como era no buraco errado ela não conseguia colocar.”

Nesse momento, Julia deixa transparecer sua autonomia, demonstrando que é uma criança que possui recursos para não se deixar invadir pelo meio externo. Isso é visto quando eu tento colocar para ela o meu jeito de brincar, mostrando as semelhanças entre as peças e os buracos, talvez querendo que ela fizesse do meu jeito, no entanto ela continua brincando da sua maneira, o que demonstra que ela não se deixou afetar pela minha fala.

“Depois pegou a cadeira grande e apontou para ela. Perguntei se era para mim, ela sorriu. Eu disse que não queria sentar na cadeira. Ela ficou sentada em sua cadeirinha e quis continuar a brincadeira dessa forma: eu no chão e ela na cadeirinha.”

Pode-se pensar que neste momento Julia, provavelmente, estivesse querendo tomar o meu lugar, demonstrando isso ao querer permanecer sentada na cadeira durante a brincadeira. Sua autonomia também pode ser encontrada neste momento da sessão, pois mesmo com a minha postura de sentar no chão, Julia quis continuar sentada na cadeira.

Análise 3ª sessão

“ (Luciana, mãe) ao se levantar com a filha disse: “Olha, ta andando! Era manha de Jú, né?” Eu perguntei o porque dela dizer aquilo e ela respondeu que a filha passou o dia anterior sem andar. Só conseguia andar pela casa com a ajuda da mãe. Disse também que ela estava com muita fraqueza na perna esquerda. Julia foi andando de mãos dadas comigo e com sua mãe até o corredor.”

Ao comparar esta sessão com a sessão anterior, percebe-se que neste primeiro contato Julia demonstra mais autonomia, pelo fato de levantar-se ao me ver chegando o que causa surpresa na mãe. Na sessão anterior Julia estava aguardando na sala de espera sentada no colo da mãe, diferente desta sessão, na qual ela esta sentada numa cadeira ao lado da mãe e levanta sozinha.

“Abriu a caixa onde estava o brinquedo de blocos de madeira. Ela gostou bastante desse brinquedo e já começou a tentar falar, dizendo: ‘Oh, oh...’ apontando para o brinquedo.”

Os blocos de madeira servem para construir coisas novas, servem para montar. A partir disso, pode-se pensar que ao apontar e demonstrar interesse pelos blocos de madeira, Julia possivelmente percebe que este lugar de análise é um ambiente no qual ela pode crescer, modificando sua relação com a mãe e tornando mais independente. Também pode-se refletir como sendo um ambiente onde ela pode criar uma nova relação comigo, uma relação que está sendo construída aos poucos.

“Demonstrou bastante interesse pelo boneco bruxo que tinha um chapéu pontudo. Deu uma risada alta quando eu mostrei para ela e ficou apontando para o chapéu. Pegou o boneco da minha mão, ficou examinando-o e apontava para o cabelo e

tentava falar alguma coisa (...). Em seguida, apontava para o pescoço do boneco e depois colocava a mão em seu próprio pescoço, tentando falar algo.”

Julia se mostrou surpresa ao ver o boneco bruxo com o chapéu pontudo. Além de surpresa também se mostrou interessada pelo boneco, pelas partes do seu corpo. Pode-se pensar no chapéu pontudo do boneco como representante simbólico do falo. Isto explicaria a surpresa/espanto ao se deparar com o boneco. Ela fica apontando para o chapéu, mostrando que algo naquele objeto a chama atenção. Logo em seguida, quando Julia pega o boneco para observá-lo de perto, ela busca se aproximar deste falo que a surpreendeu inicialmente. Observa atentamente e se atenta para o cabelo do boneco, que era comprido, fazendo uma comparação a seguir com ela mesma, quando aponta para seu pescoço e para o pescoço do boneco. Talvez, o fato de o boneco possuir cabelos compridos a tenha remetido ao feminino, o que a induz a fazer uma comparação com si mesma. Pode-se pensar também que o fato de o boneco possuir o falo e ao mesmo tempo o cabelo feminino a tenha surpreendido de tal forma.

“Num determinado momento da brincadeira, Julia tentou falar algo e passou a mão em seu cabelo (estava preso e com uma trança muito bem feita). Entendi que ela estava querendo me mostrar o penteado, elogiei o cabelo e ela falava “Mama, mama”. Eu perguntei “Foi sua mamãe que fez?”. Ela afirmou com a cabeça. Apontou para a minha bota e tentava falar algo (...). Ela repetia e apontava para a sua botinha. Eu disse: “Olha, você também esta com uma bota, mas a sua é rosa. Muito linda! Sua mamãe que te deu?” Ela disse: “Papa...Papa”. Querendo dizer papai, provavelmente.”

Neste trecho, Julia volta a dizer sobre a questão da feminilidade ao mostrar seu cabelo que estava arrumado e dizendo que foi sua mãe que fez. Em seguida,

ela faz referência ao seu pai, ao masculino, mostrando suas botas e comparando-as com as minhas. Cabe ressaltar que as botas que eu estava usando nesta sessão eram de bico fino, o que pode remeter novamente à questão do falo para Julia. Ela logo se lembra do pai, dizendo que foi ele quem deu as botas para ela.

Aqui, além de aparecer a referência ao masculino, também aparece seu processo de identificação comigo. Ao apontar para a minha bota e em seguida para sua bota, ela mostra que está fazendo uma comparação a partir de uma igualdade que ela percebeu em nós duas.

Análise 4ª sessão

No início, Julia parece demonstrar curiosidade sobre as outras crianças que freqüentam a clínica. O olhar para os desenhos e para as salas de atendimentos vazias pode significar que ela está querendo saber o que há além da sua sala de atendimento. Começa a perceber com os desenhos que há outras crianças naquele espaço, há muitas outras crianças. Ao olhar para as salas vazias aparece sua curiosidade em descobrir o que há nas outras salas e compará-las com a sala que ela freqüenta.

“Gostava de brincar também com os fantoches de feltro. Colocava as roupas de modo errado (blusas nas pernas/ calças na cabeça), ela colava as roupas e gostava de ver como elas ficavam penduradas nos bonecos, dava risada com isso.”

Essa maneira com que Julia coloca as roupas nos bonecos (blusa nas pernas/ calças na cabeça) pode apontar para a confusão que ela ainda faz em relação ao masculino e feminino, ou seja, pensando que aqui o feminino está sendo representado pelas blusas e o masculino pelas calças, Julia inverte a posição destas

peças de vestuário, o que mostra esta confusão. O masculino e feminino ainda não está presente na vida psíquica de Julia, não há diferenças entre homem e mulher, entre mamãe e papai.

Pode-se dizer que Julia esta num processo de se apropriar da realidade, de construir o contato com o mundo, de explorar. Evidencia que ainda precisa aprender sobre a esquematização corporal e saber representá-la, pois neste momento da sessão ela demonstra que ainda não está neste lugar de poder fazer representações corporais.

“Abri os braços do fantoche e o aproximei dela. Neste momento ela se assustou muito, deu um grito e se jogou para trás. Eu me assustei também. Disse para ela se acalmar, mostrei que era de ‘mentirinha’ e tirei as minhas mãos de dentro e apertava o fantoche para ela ver que não havia nada dentro dele e que era só um boneco.”

Julia se assusta neste momento pelo fato de crer que para ela o fantoche pode ser real, quando ela brinca com os brinquedos ela tem o poder de dar vida à eles de uma maneira simbólica. O que aconteceu neste momento de sessão foi o fato de o fantoche se mexer sem que ela tivesse esperando ou manuseando-o, isso a assusta bastante, pois antecipa algo que ela não estava prevendo que iria acontecer. O fato de ela não querer colocar as mãos dentro do fantoche aponta para o medo de mexer em algo que ela não sabe o que há dentro. Por esse motivo é muito assustador para Julia colocar as mãos dentro do fantoche, dentro desse buraco escuro do qual ela não sabe se há algo dentro.

Análise 5ª sessão

“Ela batia com muita força nas minhocas, repetidas vezes, parava e olhava para mim dizendo: “Oh, oh!” apontando para alguma das minhocas. Eu dizia algo sobre a brincadeira, como por exemplo, “Sim, ela ficou mais alta agora, né? Ou “Ela ficou pequeninha de tanto bater na cabeça dela”. Julia continuava a brincadeira batendo com muita força, cada vez mais forte.”

Com este brinquedo, a criança deve pegar o martelinho e bater na cabeça de alguma minhoca. Ao bater, a minhoca que foi acertada diminui o tamanho, ficando bem pequena, e a minhoca que está ao lado cresce, ficando bem maior do que as outras. O que Julia fazia no início e durante toda a brincadeira era bater repetidas vezes na cabeça da mesma minhoca, parar por alguns segundos olhando o brinquedo e, em seguida, me mostrar o resultado. Pode-se pensar que Julia estava tentando me mostrar algo sobre sua própria condição corporal, algo relacionado às suas dificuldades corporais como a questão da fala comprometida e a fraqueza que gera tremor em suas pernas. Com este jogo ela estava possivelmente dizendo como ela se sente pequena, fraca, com menos possibilidades de crescimento em relação às outras crianças.

Pode-se pensar também que ao bater repetidas vezes na mesma minhoca, Julia estivesse mostrando como ela se sente impedida de crescer com sua mãe a tratando como um bebê indefeso. Sua mãe estaria no lugar desse martelinho, que impede e regrida o crescimento da minhoca.

Uma outra maneira de interpretar essa brincadeira de Julia seria olhando para sua questão de sexualidade. Esse bater nas minhocas provavelmente está

relacionado com questões sexuais como a falicidade com fantasias de castração. Pode estar representando um momento de excitação para Julia, o que representa a figura do pai, aquele que possui a “minhoca”, possui o pênis. Bater na minhoca representa o “ter ou não ter” o pipi, ser castrada. A minhoca cresce e murcha, assim como o pênis que cresce de tamanho na excitação sexual e, posteriormente, volta ao seu tamanho inicial.

“(...) ela olhou para as minhas botas, apontou para elas tentando dizer alguma coisa e em seguida apontou para as botas dela.”

Neste momento, Julia demonstra que esta num processo de identificação comigo. Ao olhar para as minhas botas ela percebe que também está usando o mesmo tipo de sapato e faz essa comparação ao apontar e tentar dizer algo.

“Olhou para a minha meia calça (...), apontou encostando a mão na minha perna e sorriu. Eu disse que se chamava meia calça e que esquentava do frio. Em seguida, Ju tentava dizer algo passando a mão nas suas próprias pernas alternando com a virilha.”

Esta atitude de Julia de apontar para sua virilha pode estar relacionado também com suas questões sexuais, sobre o ter e não ter pipi. Depois das brincadeiras de bater nas minhocas, Julia aponta para a minha meia calça e depois para sua virilha e pernas. Aqui ela está mostrando o que ela não tem (pipi), diferentemente do papai que possui o pipi e foi anteriormente representado na brincadeira de bater nas minhocas.

Nesta sessão, Julia traz muitas questões do feminino. Após bater nas minhocas, relação com a falicidade, aponta para as minhas botas e depois para a meia calça, provavelmente querendo demonstrar que ela é igual à mim, nós somos

femininas, ela é uma menina e eu sou uma mulher. Ambas não possuem o pipi. Além de imaginar possuir o pipi, Julia expressa também o seu desejo de tê-lo.

“(Término da sessão) Eu dizia para ela me esperar e perguntei se queria me dar a mão, mas ela continuou andando sem dizer nada. No corredor ela andava mais rápido para chegar logo até a sala de espera.”

Aqui aparece uma posição mais capaz, independente e potente de Julia, mostrando que quer fazer as coisas sozinha, quer sair da sala sozinha, como já foi vista em algumas sessões anteriores. O não dar a mão está apontando para um desejo de Julia de ser maior, de crescer.

Possivelmente, Julia sente-se muito aflita e partir disso quer chegar logo à sua mãe. Essa aflição e ansiedade podem ser devido às questões que apareceram nesta sessão, por exemplo, questões relacionadas à mamãe e papai; sobre ser igual a mim; questões destrutivas em relação à sua mãe.

Análise 6ª sessão

É importante ressaltar que na maior parte do tempo a sessão foi conduzida por mim, o que dificultava as expressões espontâneas de Julia. Contudo, apesar das minhas sugestões durante as brincadeiras, foi possível observar manifestações espontâneas por parte da paciente.

“(...) Mostrando bastante interesse pelo brinquedo bate-minhocas. Ela pega o brinquedo e fica batendo na cabeça das minhocas com o martelinho, olhando para mim e esperando que eu diga alguma coisa (...). Ela começa a bater com mais força nas minhocas.”

Julia inicia a sessão mostrando para mim o que está sendo mais importante para ela ser trabalhado naquele momento, ou seja, suas questões sexuais relacionadas à castração, potência e impotência, ter e não ter o pipi.

“Durante essa brincadeira eu reparei que a boneca estava em cima da mesa e ainda não tinha sido explorada por ela. Pensei em introduzir a boneca na nossa brincadeira e então eu digo para ela que vou fazer a boneca dormir. Ela me olha e presta atenção no que estou fazendo, muito atenta.”

A minha atitude de introduzir a boneca na brincadeira foi baseada na hipótese de que até esta sessão foi observado que Julia ainda brinca de maneira bastante exploratória, explorando o brinquedo por ensaio e erro, como se fosse uma criança de quase 2 anos de idade. Ainda não havia sido observado no brincar de Julia simbolismos mais elaborados como, por exemplo, mudar a função de algum brinquedo, inventar novos objetos a partir dos brinquedos apresentados, brincar de “mamãe e filhinha” com a boneca, entre outras possibilidades. Portanto, a minha postura de inserir a boneca na brincadeira, cuidando dela como se ela fosse real, teve o intuito de aproximar Julia desse brincar mais simbólico e menos exploratório, condizente com o brincar de uma criança de sua idade (4 anos).

“Pego o martelinho e coloco nas mãos da boneca, segurando e fingindo que é a boneca quem está batendo nos pinos. Julia começa a apontar para os pinos que ela quer que a boneca bata. Ela sorri, parece gostar dessa brincadeira.”

A atitude de Julia apontar para os pinos que ela quer que a boneca acerte pode ser vista de três maneiras. A primeira teria novamente uma relação com a independência e autonomia de Julia, numa tentativa de “guiar” a brincadeira, dizendo para onde a boneca deve ir.

Pensando na hipótese da sessão anterior sobre o martelinho estar representando a mãe para Julia, sendo esta quem impede e regride seu crescimento e amadurecimento psíquico, pode-se questionar se neste momento da sessão, no qual Julia aponta para onde o martelinho deve bater, ela está mostrando que é ela quem sabe onde e como a mãe “barra” seu crescimento. Ela mostra que sabe o caminho, sabe quais minhocas serão acertadas pelo martelo, ou seja, quais aspectos psíquicos próprios de Julia são afetados pela conduta de tratamento da mãe.

A segunda maneira tem relação com uma aproximação de Julia do brincar simbólico. Neste momento, ela dá indícios de que está podendo participar da nova situação criada por mim, na qual a boneca é quem está brincando, ou seja, ela considera a boneca como alguém que pode brincar.

Uma terceira maneira aponta para uma identificação de Julia com uma mãe carinhosa e protetora que oferece o martelinho (pipi) para a filha, ou seja, Julia aceita a brincadeira, fazendo essa identificação com uma mãe boa. No entanto, depois de pouco tempo Julia quer voltar a brincar com as minhocas e o martelinho, pois esta é a questão mais urgente a ser trabalhada para ela.

“Num determinado momento, Julia pega a boneca e a coloca em seu colo, segurando com uma mão e continua a brincadeira de bater com a outra mão.”

Ao assumir a boneca, Julia demonstra que se identifica comigo e que possui condições para estar nesse lugar de identificação. Demonstra com sua atitude de pegar a boneca e a manter em seu colo estar identificada com uma mãe interna boa e carinhosa.

“Julia olha e aponta para o cabelo da boneca e em seguida para o dela querendo dizer alguma coisa. Ela faz carinho na cabeça da boneca. Depois pega o martelinho e coloca na mão da boneca introduzindo-a na sua brincadeira.”

Ao apontar para o cabelo da boneca e em seguida para o próprio cabelo, Julia demonstra que esta identificada com a boneca, sendo capaz de fazer comparações. Faz referência ao cabelo, trazendo algo do feminino, como se dissesse que as duas são “filhas meninas”. Pode estar querendo dizer também que da mesma forma que eu cuido da boneca ela também esta se sentindo cuidada nesse ambiente de análise.

“Eu digo que a boneca esta gostando muito do carinho dela e falo para fazer a boneca dormir, balançando. Julia começa a balançar devagar a boneca em seu colo e eu começo a cantar. Ela parece gostar, mas não fica muito tempo dessa forma. Ela coloca a boneca em seu colo e volta para sua brincadeira dos pinos.”

Análise 7ª sessão

De um modo geral, Julia se mostra num processo identificatório. Ela está numa posição de sujeito diferenciado de mim, ou seja, ela não apenas copia as minhas ações, ela as reproduz.

“(...) ficamos brincando de fazer comidinhas para a boneca e em seguida fazê-la dormir. Esta seqüência foi repetida diversas vezes por vontade de Julia. Quando estava na hora de colocar a boneca para dormir, Julia a pegava em seu colo, balançando-a devagar e apagava a luz.”

O fato de Julia querer apagar a luz durante a brincadeira com a boneca foi visto como positivo, pois aponta para algo do sexual, algo relacionado à vida sexual

dos pais. Demonstra também que para ela o papai e a mamãe são vistos como homem e mulher que se relacionam. Pode-se afirmar a partir destas observações que Julia está caminhando para questões Edípicas.

“(...) quando Julia apagava a luz com a boneca em seu colo eu começava a cantar canções de ninar. Então, Julia deixava um tempo escuro, sorrindo enquanto eu cantava, depois acendia a luz e eu continuava cantando para ver qual a sua reação. Ela colocou a mãozinha estendida próxima ao meu rosto. Entendi perfeitamente que era para eu parar de cantar.”

Ao estender a mão pedindo para que eu parasse com a canção, Julia demonstra novamente uma posição mais independente, mais firme, que demonstra suas vontades, demonstra o que quer e o que não quer, podendo se colocar. Ela permite que eu cante enquanto ela está gostando, no entanto, no momento em que ela não quer mais, ela se posiciona defendendo sua vontade e dizendo para mim que era o momento de parar.

“Ao finalizar a sessão, expliquei para ela que eu precisava conversar um pouco com a sua mãe e que iríamos lá à recepção buscá-la e voltar para a sala. Ela apontou para uma das cadeiras de adulto tentando dizer algo e eu disse que sentaria em uma delas, a mamãe em outra e ela sentaria em sua cadeirinha. Julia pegou uma das cadeiras de adulto encostando-a na parede, tentando arrumar a sala para sua mãe. (...) Após chamar sua mãe, fomos andando de volta até a sala e Julia foi andando com muita rapidez e sorrindo. Quando entramos, ela apontou para a cadeira que tinha arrumado para a mãe.”

Neste trecho da sessão, Julia se preocupa em organizar o lugar de sua mãe, posicionando a cadeira de adulto e apontando para esta quando sua mãe entra na sala. Com esta atitude, bem como a de apagar a luz para fazer a boneca dormir,

Julia antecipa as situações. Monta a cena para o que possa vir acontecer, preparando o ambiente.

Análise 8ª sessão

“Colocou o ovo na colher e fingiu que estava alimentando-a. Ficamos um tempo brincando de comidinha e depois ela quis retomar a brincadeira de médico. Ela começou a pegar as peças e instrumentos para cuidar da boneca. Apontava para o corpo dela dizendo onde estava doente e onde precisava ser cuidado. Eu perguntava: Onde está dodói? E ela apontava dizendo: “Totó, totó”. Quis retirar a roupa da boneca para usar o instrumento de ouvir o coração.”

Neste trecho da sessão Julia parece tratar da relação de cuidados em duas situações diferentes, em ambas ela está na posição de cuidadora. Na primeira aparece uma forma primitiva de cuidar, ela alimenta a boneca. Na segunda situação ela procura machucados pelo corpo da boneca, dizendo onde deve ser tratado.

É possível relacionar esses cuidados de Julia com o corpo da boneca com a sua própria condição corporal que apresenta limitações. Julia passa a cuidar, tratar dos “dodóis” da boneca, fazendo, possivelmente, uma referência a seu próprio corpo que também pode ser considerado por ela como um corpo que apresenta “dodói”. Os pés da boneca foram indicados por Julia como partes que precisavam ser cuidadas, assim como os seus próprios pés, suas próprias pernas que apresentam fraqueza e tremem durante o caminhar.

“Ficou ouvindo a barriga da boneca. Depois apontou para o bumbum e eu perguntei se ele estava dodói também. Ela confirmou com a cabeça. Colocamos curativo no

bumbum da boneca e em outros lugares que Julia apontava, como: barriga, os dois pés e peito.”

Ao apontar para o bumbum da boneca querendo dizer que este lugar também estava machucado pode-se levantar a hipótese de Julia estar fazendo referência à questões de controle de esfíncter.

“(...) ela [Julia] começou a balançar a boneca em seu colo e fingir que estava colocando-a para dormir. Então, eu comecei a cantar a música de ninar: ‘Nana neném que a cuca vem pegar. Mamãe foi na roça, papai foi trabalhar’ Percebi neste momento que Julia se mostrava bastante ansiosa com esta canção, repetindo diversas vezes “mama, papa, mama, papa” enquanto eu cantava a música. Ela parava de repetir as palavras apenas no momento em que eu cantava a parte em que dizia sobre a mamãe e o papai. Percebi que ela se acalmava um pouco, contudo volta a ficar repetindo “mama, papa” durante a canção.”

Esta ansiedade demonstrada por Julia com o trecho da canção que diz sobre mamãe e papai pode estar relacionada com a sua entrada no campo das questões edípicas. Para Julia, mamãe já é uma mulher, assim como o papai já é um homem. Ela já demonstra possuir conhecimento de que algo acontece entre essas duas figuras parentais e que ela fica excluída nesses momentos.

“Cantei novamente a música, mas de um jeito diferente: “Nana neném, que o papai vem pegar. Mamãe tá na roça e o papai foi trabalhar.” Ela se mostrou muito feliz, sorria e batia palmas. E repetia comigo papai e mamãe muitas vezes, fazendo o número 2 com as mãos. Ao final da sessão, eu disse para ela que foi legal brincar de medico e de cuidar da boneca e ela disse, fazendo o número 2 com as mãos: ‘Mamãe, papai’.”

Julia, ao se referir ao papai e a mamãe faz o número dois com as mãos, o que confirma a hipótese da interpretação anterior sobre sua vivência do Complexo de Édipo. O número dois feito com os dedos ao se referir ao papai e a mamãe aponta para um olhar de Julia sobre seus pais. Ela demonstra com este gesto já possuir conhecimento das relações amorosas que há entre seus pais.

Análise 9ª sessão

“Ao entrar na sala, Julia senta na cadeira e pega a sacola de brinquedos. Olha para mim sorrindo e aponta para a sacola dizendo: “oohh – oohh”. Ela começa a tirar os brinquedos de dentro da sacola me dando um de cada vez.”

Ao ir tirando os brinquedos da sacola e colocando-os em minhas mãos, Julia provavelmente busca verificar (afirmar) o nosso vínculo. O que ela faz neste início da sessão é me dar todas as suas coisas, deixando-as em minhas mãos, isto pode significar um desejo de Julia de permanecer com este vínculo.

“Volta a brincar com as comidas. Começa a balançar para cima e para baixo a panelinha com comidas dentro até que todas estas caíram ao chão. Novamente, ela me olhou e deu risada antes de recolher as comidas do chão.”

Julia se diverte quando os brinquedos caem, ao mesmo tempo que sente que pode ser repreendida pelo fato de ter deixado cair as comidas no chão. Ela sorri de modo tímido e em seguida dá risada. Ao deixar cair comidas, Julia mostra que está bagunçando, que está deixando a sala “suja”. Este comportamento de bagunçar começou a aparecer nas últimas sessões, algo que não acontecia antes. Pelo contrário, Julia sempre se mostrou muito organizada, contida em seus atos e na

maioria das vezes buscando se mostrar bem comportada. (Atitudes que são valorizadas pela mãe)

Cabe dizer que, possivelmente, Julia está mostrando certa hostilidade, afinal com esta brincadeira ela pode desperdiçar e jogar fora as comidas. Ela também espera que eu cuide dessa sua hostilidade.

Pode-se pensar que neste momento as comidas estejam representando o que ela recebe de sua mãe, as coisas que sua mãe tem para oferecer. Julia possui uma figura interna de mãe provedora, pois brinca de fazer e dar comida para a boneca. Contudo, ela joga esta comida no chão, joga fora, se divertindo com isso. Provavelmente, esta imagem de mãe provedora gera inveja em Julia, o que faz com que ela sinta vontade de desperdiçar e jogar fora o que esta mãe provedora tem para oferecer, como uma forma de destruir o bom que ela recebe dessa imagem de mãe internalizada por ela, dessa fantasia de mãe.

“Pega o copinho e começa a repetir: “ááá-ááá”. Eu pergunto se o que ela está dizendo é água e ela diz que sim. Então, pergunto se a boneca esta com sede e ela diz que sim repetindo “ááá”. Pergunto onde tem água para darmos para a boneca, ela aponta para a porta. Vou com Julia até o bebedouro e ela leva a boneca numa mão e o copo em outra mão. Coloca água no copinho e volta para a sala.”

Este trecho da sessão segue a mesma temática, Julia com a boneca está identificada com uma mãe provedora, com uma mãe interna boa, um seio bom provedor. No entanto, ela também este na posição de filha que ataca a mãe.

“Ao sentar, coloca a boneca em seu colo e aproxima o copo de sua boca até que caia um pouco de água em cima da boneca. (...) Ela me mostra sua mão e coloca embaixo do queixo da boneca querendo mostrar que ela iria segurar a água. Vira o copo novamente deixando cair mais água do que na primeira vez e fica

entusiasmada, rindo alto e me mostrando sua mão molhada. Cai água na boneca e na perna de Julia. Ela olha para sua perna molhada, passa a mão em cima e diz: “tsi”. Julia costuma dizer tsi quando quer se referir ao xixi.”

Novamente, Julia demonstra sua hostilidade em relação à mãe quando deixa a boneca fazer xixi. Pode-se perceber que Julia está ocupando dois papéis: ao cuidar de mim ou da boneca demonstra que está identificada com uma mãe provedora e ao deixar que a boneca faça xixi em sua perna demonstra sua hostilidade, é o bebê que faz xixi na mãe.

“Ela coloca a boneca em meu colo, coloca a mão embaixo da boca da boneca e vira o copo até a água cair. Novamente, molha a boneca, sua mão, o chão e dessa vez minha perna. Digo para ela que dessa vez eu também fiquei molhada e o chão também. Ela aponta para os papéis que ficam na parede e diz que tem que limpar.”

Neste momento eu estou no lugar de mãe, eu sou a mãe a quem ela quer atacar, pois quer me molhar com o xixi da boneca. Em continuação, quando aponta para os papéis dizendo que tem que limpar, Julia comprova que possui um desejo de reparação. Este é um conflito típico de meninas nessa faixa etária, pois elas querem e não querem se desprender da mãe. Então, aparece esta ambivalência nas brincadeiras de Julia; ela cuida de mim, cuida da boneca, mas também ataca quando molha com o xixi ou quando deixa cair as comidas no chão.

“Ela se levanta fica repetindo “Lêê” e apontando para a boneca, pega uma folha de papel e começa a limpar o chão. (...) Fica um bom tempo esfregando o chão com o papel, em movimentos circulares, em silêncio. Levanta, vai até o lixo e espreme o papel até sair um excesso de água e volta com o mesmo papel para limpar o chão de novo (...) Ao se levantar eu digo para ela que o chão ficou seco e limpo, ela sorri e joga o papel no lixo, concordando que conseguiu deixar o chão limpo.”

Com sua atitude de querer limpar o chão, Julia aponta seu desejo de reparação. Quando eu digo que o chão ficou limpo, ela sorri e joga o papel no lixo e não volta a limpar o chão novamente, o que demonstra que ela concordou que o chão ficou limpo, que ela conseguiu limpá-lo, ou seja, demonstra que seu movimento de reparar foi bem sucedido.

“Desenhou nas três folhas, pequenos rabiscos em forma circular. Enquanto fazia seu primeiro desenho, ela me deu uma folha e um giz. Eu começo a desenhar junto com ela, mas enquanto eu desenhava Julia parava o desenho dela e fazia alguns rabiscos na minha folha, parecidos com os de sua folha. Todos os seus rabiscos eram a Lelê ou partes do corpo da boneca, como as mãos, olhos, boca, nariz e cabeça.”

Ao desenhar Julia mostra novamente um movimento de reparação. É possível levantar a hipótese de a folha, por ser o objeto que é preenchido, estar representando o feminino e, portanto, a mãe. Da mesma forma que o lápis, por ser o objeto que preenche a folha, estar representando o masculino. Nesse sentido, pode-se pensar que Julia está buscando restaurar a mãe, devolver à mãe aquilo que em sua fantasia imagina que jogou fora e desperdiçou.

Quando desenha em minha folha está, possivelmente, demonstrando sua competição e sua inveja em relação à minha posição. Talvez evidenciando um desejo de estar no meu lugar, no lugar de mãe.

“O tempo da sessão já estava acabando e eu aviso para Julia que logo teríamos que guardar os brinquedos para ir embora. Nesse momento, ela começa a falar por cima da minha fala apontando para o meu relógio. Não consegui entender o que ela estava tentando dizer, mas quando eu ia repetir que estava terminando o tempo ela voltava a falar por cima de minha fala.

Continuou desenhando por um tempo até eu avisá-la novamente que deveríamos guardar os brinquedos para ir embora. Ela continuou desenhando sem dizer nada.”

Neste final da sessão, Julia se mostra bastante resistente em sair, não permitindo que eu falasse sobre guardar os brinquedos, pois ela queria ficar mais tempo, ela queria poder brincar mais. Com esta dificuldade de sair, Julia mostra que nesta sessão estava mais voraz, não estava satisfeita e, por isso, queria continuar.

Análise 10ª sessão

“A porta da sala de atendimento estava fechada e Julia ficou tentando abrir, girando a maçaneta para o lado errado. Eu digo para ela que aquele é o lado errado e que para abrir a porta ela deveria girar para a outra direção. Ela tenta mais uma vez e consegue abrir.”

Julia já inicia a sessão com uma postura mais independente e autônoma, querendo fazer as coisas por conta própria e sem pedir por ajuda. Isto é percebido quando tenta abrir a porta da sala sozinha, algo que tem acontecido nas últimas sessões.

“Depois de um tempo, pára de brincar, fica olhando para os lados, olha para o ventilador e aponta para ele dizendo alguma coisa. Coloca a boneca no meu colo, se levanta da cadeira e caminha até o ventilador, sobe de joelhos em cima da cadeira para conseguir ligá-lo. Volta para a sua cadeirinha e continua a brincadeira, dando comida para a boneca que estava no meu colo.”

Novamente, Julia mantém sua postura autônoma e independente quando se levanta para ligar o ventilador, sem pedir minha ajuda ou pedir para que eu ligasse para ela. Ela atua sobre o mundo, fazendo aquilo que sente vontade.

Ao deixar a boneca em meu colo Julia demonstra que está aberta para deixar as coisas que pertencem a ela comigo, ou seja, ela esta confiante em mim e sentindo-se a vontade para deixar o que é dela comigo.

“(...) deixa a boneca sentada no penico, se levanta e começa a arrastar pela sala a sua cadeirinha. Arrastando-a para frente e para trás, repetidas vezes. Fazendo força ao arrastar para frente até a cadeira chegar embaixo da mesa. Divertia-se muito com isso.”

O ato de arrastar a cadeira para frente e para trás de modo que a cadeira se encaixe por debaixo da mesa, repetidas vezes, num encaixe e desencaixe, estava divertindo e gerando prazer em Julia, talvez por isso ela repita o movimento diversas vezes. É uma atividade que nos remete à um movimento semelhante ao da relação sexual e que, visivelmente, estava divertindo Julia, por conta disso, pode-se pensar e levantar a hipótese de esta atividade estar indicando que Julia está se aproximando de questões edípicas, como já foi visto em sessões anteriores.

“[Julia] Coloca a cadeira próxima à mesa de adulto, senta e fica batendo palmas. Coloco minha cadeira ao lado dela e começo a bater palmas também. Ela parece gostar e fica sorrindo bastante. Durante essa brincadeira ficava repetindo “Lêlê” e eu disse que a Lêlê estava fazendo cocô. Ela pega a boneca dizendo que tem que limpá-la. Pega um pouco de papel, limpa a boneca, joga o papel no lixo e esfrega uma mão na outra dizendo “mão” e “ááá”. Entendi que ela queria lavar as mãos da Lêlê e pergunto se é isso que ela queria fazer. Julia afirma com a cabeça. Nós saímos da sala e vamos até o banheiro.”

Percebe-se que Julia faz uma associação da brincadeira de bater palmas com a boneca Lêlê. Talvez, neste momento, ela estivesse numa posição de “Lêlê”, um bebê que brinca de bater palmas, que necessita de maiores cuidados e atenção.

Neste trecho da sessão aparece novamente a questão da limpeza. Assim que eu digo sobre o fazer cocô, Julia diz que devemos limpar a boneca. Ou seja, assim que a sujeira (cocô) aparece, imediatamente deve ser limpo. Como se para Julia nada pudesse ficar sujo, deve ser tirada toda a sujeira.

Se for feito um paralelo entre: *limpeza – sujeira* e *amor – agressividade*, pode-se pensar que Julia lida com seu afeto e agressividade de um jeito muito separado, como se um não pudesse conviver com o outro. A agressividade (sujeira) não pode aparecer, deve ser limpa.

“Julia repete a brincadeira colocando a boneca novamente no penico. No final, dizia que queria lavar as mãos. No entanto, dessa vez Julia deixa a boneca na sala dizendo para ela esperar. Vou com Julia até o banheiro, lavamos nossas mãos, secamos e voltamos para a sala. No meio do caminho ela dizia que iríamos comer fazendo sinais com suas mãos.”

Julia ao colocar a boneca para fazer cocô, trás a sujeira (agressividade) para próximo dela. Contudo, ela não permite que esta sujeira permaneça por muito tempo querendo logo eliminá-la, limpando-a, quando diz que quer lavar as mãos.

O fato de ela ter deixado a boneca na sala “esperando” pode significar que ela naquele momento, numa posição de adulta cuidadora, está repetindo algo que ela mesma vivencia em sua casa com sua mãe. Então, ela se vê na boneca, neste lugar da criança que tem que esperar esta mãe tirar toda a sujeira, que não permite nada ficar sujo.

“Entramos na sala, Julia arruma minha cadeira para eu sentar e quando eu sento, ela arrasta minha cadeira para perto da mesa, pedindo para que eu colocasse meus pés embaixo da mesa. Dessa vez, Julia dava as comidas para eu comer ao invés da

boneca. Me dava comida na boca e leite no copo, colocando sua mão embaixo da minha boca para não deixar cair, como costuma fazer com a boneca.”

Neste momento, ao arrumar minha cadeira, arrastando-a para perto da mesa, cuidando de mim ao invés de cuidar da boneca, pode-se perceber dois movimentos de Julia. O primeiro é esta posição mais autônoma e onipotente que mostra que Julia além de conhecer o mundo, atua sobre ele.

Ela está na posição de cuidar, da adulta cuidadora que precisa cuidar de mim ou da boneca. Ou seja, a boneca e eu, possivelmente representam ela mesma, que precisa de muitos cuidados. Mas ela também mostra que ela pode cuidar dessa boneca e que pode cuidar de mim, pois este bebê já está introjetado nela mesma.

O segundo movimento de Julia novamente possui relação com limpeza. Ao colocar a mão embaixo da minha boca, ela mostra que está preocupada em não fazer sujeira, em não derramar o leite na minha roupa ou pelo chão da sala. Com isto ela demonstra que para ela a comida além de significar afeto, cuidado e carinho, também possui o valor de sujeira. Ou seja, pode-se dizer que para Julia já está relacionado com a produção de cocô e xixi, que são substâncias que sujam. Então, pode-se perceber isto quando Julia coloca a boneca sentada no penico diversas vezes durante a sessão, seguido por lavar as mãos e ser alimentada.

Obs.: Cabe ressaltar que Julia por diversas vezes queria sair da sala para lavar as mãos. Estas saídas eram intercaladas com a brincadeira de colocar a boneca no penico e fazer comida para mim ou para a boneca, ou seja, no final da brincadeira destas brincadeiras, Julia pedia para lavar as mãos.

Análise 11^a sessão

“Ao entrar na sala, Julia vai em direção ao ventilador e aperta o botão para ligá-lo e em seguida faz gestos dizendo que está com calor. Enquanto isso eu fecho a porta. Depois de ligar o ventilador, ela olha para mim, arrasta uma cadeira de adulto e a coloca na frente da mesa infantil na qual sempre brincamos e aponta para a cadeira. Eu sento na cadeira e ela me empurra para próximo da mesa.”

Cabe ressaltar que este gesto com as mãos se referindo ao calor, eu fiz em algumas sessões anteriores quando Julia ligava o ventilador da sala. Pode-se pensar a partir disso que Julia ao fazer o mesmo gesto está repetindo experiências que vive comigo, o que pode ser bastante positivo.

“Depois ela retira a tampa (da panela), pega o ovo e finge que está comendo e aponta para o pão olhando para mim. Eu pego o pão e também finjo que estou comendo. Ela se levanta da cadeira e vem em minha direção segurando o leite. Coloca as mãos embaixo da minha boca e me dá o leite, segurando-o enquanto eu tomo. Digo que ela é a mamãe e está cuidando de mim. Ela aponta para ela mesma dizendo: “mamãe”. Eu digo que eu sou um bebê. Ela diz: “não”. Pergunto se eu sou a Lelê (boneca). Ela responde que não e aponta para a boneca.”

Aqui Julia o tempo todo está numa posição de cuidadora, ela é a mamãe provedora que faz a comida e alimenta a filha. Durante essa brincadeira, aparece novamente a questão da limpeza. Ao colocar a mão embaixo da minha boca, Julia está impedindo que o leite possa cair no chão, o que demonstra que ela se preocupa bastante em não derramar, não sujar, algo que já foi observado em sessões anteriores.

Ela concorda comigo quando digo que ela é a mamãe, no entanto não aceita quando digo que eu sou um bebê ou sou a Lelê (boneca). Provavelmente, o que

Julia estava querendo dizer é que neste momento eu estava na posição de filha, numa posição em que possa representar ela mesma com sua mãe. Por isso, não aceita quando digo que sou um bebê, pois ela não se vê mais como tal, nem quando digo que sou a Lelê, pois esta continuava sendo a boneca que estava esperando chegar sua vez de ganhar a comida.

“Julia começa a limpar a mesa com uma folha de papel fazendo movimentos circulares. Olha para mim e faz um gesto com as mãos pedindo para eu esperar. Nesse momento eu estava sentada no chão e Julia em pé limpando a mesa. Digo para ela que “eu estou esperando a mamãe limpar, estou esperando a mamãe tirar toda a sujeira. Nada pode ficar sujo para a mamãe, por isso ela precisa limpar tudo.”

Com esta brincadeira de pedir para eu esperar enquanto ela limpava a mesa, Julia pode estar evidenciando algo que pode ser freqüente quando esta em casa com sua mãe. Aponta para uma criança que tem que esperar a mãe limpar, subjetivamente Julia é uma criança que espera muito.

É importante ressaltar que esta atitude de limpar provavelmente vem de suas experiências com a mãe, Julia acaba por presenciar e viver esta situação em que ela me colocou nesta sessão. Então, Julia traz algo que é de sua mãe e não dela, mas que mostra que ela é afetada com isto quando tem que ficar esperando, esperando.

“(...) Julia me chama com as mãos, eu levanto, ela pega em minhas mãos e me leva para fora da sala, me posiciona de frente para a porta, encostada na porta de outra sala de atendimento. Pede para eu esperar. Entra na sala, fecha a porta e fica batendo na porta fazendo barulhos. Eu permaneço como ela me deixou.”

Neste momento, pode-se dizer que Julia quis me colocar na posição dela, não de bebê, mas da criança que fica excluída frente a junção dos pais. Portanto, pode-

se pensar que com esta brincadeira Julia faz referência à sua questão edípica, pois é um movimento que aponta para a cena de exclusão, terceiro excluído. Eu sou colocada na posição em que Julia se sente, quando algo acontece e ela percebe que está de fora, está excluída.

“Ela abre a porta, pede para eu esperar e me dá todos os brinquedos, colocando-os todos em minhas mãos, sempre pedindo para eu esperar. Volta para a sala e fica limpando a mesinha. Volta ao meu encontro e coloca todos os brinquedos no chão, me chama para entrar na sala e os brinquedos ficam no corredor do lado de fora. Falo sobre o sujo e a limpeza. Julia diz repetidas vezes: “mamãe”.

Aqui eu continuo na posição em Julia me coloca: a de criança que deve esperar a mamãe limpar a casa. Tal posição, como já foi dito anteriormente, revela que é dessa forma que Julia se sente. Ainda aparece neste trecho uma criança voraz, que quer todos os brinquedos para ela. Isso é percebido quando Julia coloca todos os brinquedos em minhas mãos.

É observado que Julia repete esta brincadeira de me fazer esperar enquanto ela limpa a sala, cabe destacar que esta repetição não ocorre como uma obsessão, mas sim como uma forma simbólica para Julia representar suas experiências.

“Ela me leva para fora novamente, me colocando na frente da porta, pedindo para eu esperar. Trás as cadeirinhas, posiciona as duas, uma ao lado da outra. Sentamos em seguida ela se levanta. Passa um garotinho pequeno para entrar em atendimento na sala ao lado. Ela aponta para ele dizendo nenê. Nessa hora quis voltar para a sala novamente.”

6. DISCUSSÃO

Quanto às observações lúdicas feitas durante os atendimentos puderam ser feitas algumas pontuações importantes. De início, foi percebido que Julia ainda brincava de maneira exploratória com os brinquedos, por ensaio e erro, não se apropriando dos brinquedos, o que não era condizente com sua idade (cinco anos).

Nas primeiras sessões, ela tinha como opção de brinquedos uma boneca e alguns brinquedos de encaixe, mas a boneca nunca era escolhida por ela, mesmo com algumas tentativas minhas de apresentá-la de modo a incentivar o brincar de boneca. Julia sempre escolhia os brinquedos de encaixe, de montagens, ao invés de brinquedos que demandassem uso do simbólico de uma forma mais elaborada. Assim, foi percebido que seria necessário trabalhar a organização psíquica de Julia, no sentido de investir nela para que ela pudesse se organizar psiquicamente, construindo e aprendendo novas maneiras de estar e agir no mundo.

Após algum tempo, foi observado que Julia começou a se aproximar desse brincar mais próximo de sua idade, na medida em que ia demonstrando interesse pela boneca e pela maneira com que eu brincava com a mesma. Julia passou a explorar mais os brinquedos que ela não costumava brincar, como a boneca, as panelinhas, o fogão, a banheira. Pude ir percebendo que ela me observava atenta e procurava repetir o meu modo de brincar. Assim, foi notado que ela estava num *processo identificador*, o que mostra que ela é um sujeito diferenciado de mim, algo que foi visto como positivo pelo fato de ela estar nesta posição de diferenciação. Ela não apenas estava copiando, estava reproduzindo o que eu estava fazendo, reproduzindo as minhas ações durante as brincadeiras.

Em suas brincadeiras também começaram a aparecer iniciativas de oposição, por exemplo, numa determinada sessão eu fingia que estava com fome,

demonstrando que queria comer a comidinha que estávamos fazendo, pedi permissão para que eu pudesse comer, no entanto Julia não deixava que eu comesse. Ao dizer não, apontava para a boneca mostrando que a comida era da boneca e não minha.

Essa oposição em relação a mim, à minha vontade, foi visto como algo bastante positivo do ponto de vista evolutivo. Afinal, para que ela possa se colocar de maneira a expressar suas vontades e seus limites, é necessário que haja constituído um sujeito que quer, um sujeito que deseja, um sujeito que se opõe. Tal fato mostrou que ela não está mais tão fusionada como antes, de um modo passivo, à mercê do que acontecia à sua volta. Isto mostrou que ela está se colocando, está podendo se posicionar como sujeito.

Além disso, foi observado com frequência atitudes de Julia que indicavam uma postura mais autônoma e independente. Por exemplo, a partir de um certo tempo de atendimento ela não solicita mais que nós andemos de mãos dadas até a sala, mostrando que quer andar por conta própria, bem como começou a demonstrar que ela é quem iria abrir e fechar a porta da sala de atendimento.

Em algumas sessões foi percebido que Julia estava sendo capaz de trazer mais conteúdos simbólicos para as nossas brincadeiras. Por exemplo, numa determinada brincadeira ela ficava insistindo em pontuar “papai e mamãe”. Às vezes repetia essa fala no escuro e continuava sua brincadeira com a luz apagada. Essa atitude também foi vista como positiva, pois ela estava trazendo algo do âmbito sexual. Ao dizer “papai e mamãe” estava se referindo aos pais como um casal, como duas pessoas que possuem uma relação amorosa. Também há uma tentativa de demarcar as diferenças sexuais – feminino e masculino, para assim marcar essa diferença nela mesma, buscando nomear suas próprias partes corporais.

Além disso, foi observado que ela estava podendo se colocar, no sentido de manifestar sua curiosidade, por exemplo. Isso ficou bastante evidente numa determinada sessão em que a paciente insistia em brincar e explorar o interruptor do ventilador mesmo com minhas ordens para parar, bem como insistir em permanecer na sala, mesmo com meus avisos de que o tempo tinha acabado e que deveríamos guardar os brinquedos.

Esta atitude de insistir em algo que ela deseja fazer, mesmo indo contra as minhas falas, não era observada nos comportamentos de Julia no início dos atendimentos. Pelo contrário, ela freqüentemente se mostrava 'bem comportada', contida, retraída, de modo a não manifestar suas vontades e curiosidades pelo ambiente ou por qualquer outra questão. Portanto, ao insistir em mexer em algo que a terapeuta diz que não pode, Julia demonstra que ela não está mais passiva do modo como se apresentava no início dos atendimentos, evidenciando que esta adotando uma postura mais ativa, autônoma e independente em relação ao outro.

Em relação à tais mudanças de comportamento, cabe apontar que as mesmas foram percebidas pela mãe de Julia (Lucia) e pela diretora da escola em que estuda. Segundo Lucia, a diretora citou alguns pontos que tem chamado sua atenção como, por exemplo, percebeu que Julia está se mostrando mais independente no ambiente escolar, mais ativa e mais autônoma, tomando mais iniciativas do que antes. Lucia também afirma que notou mudanças em sua filha, apontando as mesmas observações da diretora. Entretanto, reconhece que em casa Julia demanda mais sua atenção, chamando mais pela mãe. Lucia ainda conta que sua filha não quer mais ser carregada em seu colo como costumava ser anteriormente.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo deste estudo podemos pensar se houveram contribuições da psicoterapia psicanalítica infantil no desenvolvimento da paciente em questão durante o seu processo de atendimento.

Quanto à sua dificuldade na fala foi visto e discutido anteriormente que esta ocorre por questões orgânicas decorrentes de uma Encefalopatia, o que gerou alguns atrasos no desenvolvimento de Julia desde o nascimento. Assim sendo, cabe ressaltar que pelo fato de o comprometimento da fala ter origem orgânica dificilmente a paciente apresentaria alguma melhora somente com o tratamento psicoterapêutico. É importante citar que após iniciado o tratamento psicoterapêutico na DERDIC, Julia também começou o tratamento de fonoaudiologia e fisioterapia.

Lembrando o que Poppovic (1968) diz sobre a influência da linguagem nos processos mentais temos que esta primeira possibilita a generalização, o pensamento lógico, aquisição e seleção de novos conceitos, viabilizando a criação de sistemas funcionais. A autora também pontua que a criança explora o mundo através da linguagem, buscando sempre nomear os objetos e pedindo ajuda do outro para fazê-lo. Além disso, esclarece que a fala possui uma função básica no desenvolvimento geral do sujeito.

Durante o processo de atendimento psicoterapêutico de Julia, foi percebida algumas mudanças em seu modo de se comunicar. A paciente passou a se mostrar mais comunicativa, expressando de uma maneira melhor o que estava sentindo ou o que queria dizer. É importante deixar claro que o comprometimento da fala permanece, Julia ainda não consegue dizer as palavras de forma clara e não produz frases, o que dificulta bastante a compreensão do que ela quer falar. Contudo, foi

observado que após algum tempo de atendimento à Julia, a terapeuta passou a entendê-la com mais facilidade, mesmo com suas dificuldades motoras ao falar. Algumas palavras ditas por Julia de forma incorreta e, portanto, incompreensível, com o tempo passaram a ser mais familiares para a terapeuta, que foi podendo se apropriar do modo de comunicação de Julia, o que facilitou a relação terapêutica. Pode-se pensar que isto foi possível, pois, além de a terapeuta poder se familiarizar com a maneira de se comunicar da paciente, também foi observado mudanças na forma de se expressar da mesma, o que já foi citado anteriormente. Provavelmente, o tratamento fonoaudiológico viabilizou essas evoluções na maneira de se comunicar. Contudo, as mudanças relacionadas ao tratamento psicoterapêutico citados na Discussão, como as mudanças de postura de Julia, que a deixaram mais autônoma, independente, ativa, também foram facilitadores desta melhora em sua comunicação.

De acordo com o que foi citado na Discussão, pode-se afirmar que houve importantes alterações no comportamento de Julia durante o processo de atendimento psicoterapêutico. Frente a tais alterações, podemos pensar que muitas ocorreram conforme o desenvolvimento natural da criança, contudo a psicoterapia pôde servir como base para essas mudanças, viabilizando-as.

Em relação ao brincar, foram percebidas claras alterações por parte de Julia, nas últimas sessões ela demonstrava grande interesse por cuidar da boneca e todas as brincadeiras que envolviam cuidados maternos. Lembrando o que Aberastury (1992) esclareceu sobre as brincadeiras de meninas na faixa etária dos cinco anos temos brincadeiras relacionadas à aprendizagem das características femininas, tendo a mãe como modelo, ou seja, são brincadeiras com bonecas, de fazer comida, de cuidar do “filho/a”, simular relações sociais.

As brincadeiras de Julia foram se modificando conforme seu tempo de atendimento ia passando. Pode-se afirmar que atualmente ela brinca de forma condizente com sua faixa etária e não se atém a brinquedos de encaixe e mais primitivos, como anteriormente era observado em suas brincadeiras.

A psicoterapia foi um espaço onde a criança pôde expressar seus conflitos, sentimentos e pensamentos. Assim como um lugar no qual ela muitas vezes teve a terapeuta como modelo, como esse outro que pôde nomear para ela desde objetos do ambiente até os seus sentimentos, pensamentos, angústias e ações. O que possibilitou que esta criança pudesse se apropriar de suas ações, se apropriar dos objetos, adotando, como já foi dito, uma postura mais autônoma de agir.

Seria válido o aprofundamento de pesquisas relacionadas à questão da dificuldade da fala na criança que se submete à psicoterapia psicanalítica infantil, uma vez que durante as pesquisas bibliográficas para a realização deste estudo não foram encontradas pesquisas ou artigos referentes a este tema. Questões práticas de atendimento à crianças que apresentam tais dificuldades também seria pontos importantes a serem abordados.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. Psicanálise da Criança. Porto Alegre: Artmed, 1982.

ABERASTURY, A. A Criança e Seus Jogos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

FREUD, Anna. Psicanálise de crianças. Editora Imago, 1927.

FAGUNDES, José Otávio. Progressos em Psicoterapia Psicanalítica.

ISAACS, S. A natureza e a função da fantasia. In: KLEIN, M. et al. Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

KLEIN, M. e cols. Os Progressos da Psicanálise. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

KLEIN, M. Psicanálise da Criança. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

KLEIN, M. – A Importância da Formação de Símbolos no Desenvolvimento do Ego (1930). In: KLEIN, M. – Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996

LAPLANCHE e PONTALIS, Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001

MEZAN, Renato e cols. Percursos na História da Psicanálise.

POPPOVIC, Ana Maria. Alfabetização – Disfunções Psiconeurológicas. São Paulo: Vetor, 1981.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Teorias e Técnicas Psicoterápicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

VORCARO, Angela. A Criança na Clínica Psicanalítica. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

WINNICOTT, D. W. O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

STOPPEL DE GUELLER, Adela e col. Psicanálise com crianças – Perspectivas teórico-clínicas. Casa do Psicólogo

JERUSALINSKY e col. Psicanálise e desenvolvimento infantil – Um enfoque transdisciplinar.

On-line:

< www.cefac.br/library/artigos/a40e249ff5ec147c74448d366914a301.pdf >

Acesso em: 10 de Junho de 2010.

< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Atetose> > e < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Encefalopatia> >

Acesso em: 19 de Maio de 2011

ANEXOS

1. Segunda entrevista com a mãe

- O que a trouxe aqui na Deric?
- Qual sua preocupação com sua filha?
- Quando e como descobriu que estava grávida?
- Conte sobre sua gravidez.
- Como foi o parto? E a amamentação?
- Como você se sentia nessa época? O que sentia no final da gravidez?
- Como foi o nascimento de J.?
- Como é a organização da família?
- Com quem J. fica durante o dia e durante a noite?
- Você quer me contar mais alguma coisa sobre sua filha?

2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficiente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo: “A FUNÇÃO DA PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DIFICULDADES DA FALA”. Eu discuti com a pesquisadora Fernanda Moraes Nemec sobre a autorização de _____ a participar desse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, bem como os procedimentos a serem realizados.

Ficou claro também que sua participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo em autorizar a participação de _____ neste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data ____/____/____

Assinatura do responsável

Nome:

Endereço:

RG.:

Fone: ()

_____ Data ____/____/____

Assinatura do (a) pesquisador (a)

_____ Data ____/____/____

Testemunha:

3. Entrevista de anamnese

4. Sessões

1ª sessão

Julia veio até a sala no colo de sua mãe que a colocou sentada na cadeira e disse que ia esperar lá fora. Quando foi colocada na cadeira, Julia permaneceu parada com um semblante assustado e acompanhou com o olhar sua mãe sair da sala. Me aproximei dela e disse “Oi, Julia!”. Expliquei o que iríamos fazer; brincar um pouco e que depois eu a levaria para sua mãe. Fechei a porta após explicar. Mostrei os brinquedos para ela, um de cada vez. Havia na sacola uma boneca, bateadeira de bolo e fogãozinho. Ela apenas ficou olhando para os brinquedos em cima da mesa.

Disse para ela que poderíamos brincar com aqueles brinquedos e pedi para que ela se sentasse no chão comigo. Tive que ajudá-la a descer da cadeira, pois não conseguiu sozinha. Julia começou uma brincadeira de colocar os brinquedos na sacola e jogá-los no chão, virando a sacola ao contrário, de modo que todos os brinquedos caíssem. Ela repetiu este jogo diversas vezes e sorria quando a queda dos brinquedos fazia barulho muito alto. Depois disso, brincou com o fogão, girando os pininhos de um lado para o outro. Em seguida, pegou a bateadeira e ficou abrindo e fechando diversas vezes a porta do forno e tirando e colocando a panelinha dentro do forno.

Com a intenção de chamar sua atenção para a boneca, disse para Julia que poderíamos fazer comidinha para a boneca e iniciei esta brincadeira. Julia não quis pegar a boneca e não participou da brincadeira comigo. Num certo momento, sugeri que a sacola (vazia) de brinquedos poderia ser a cama da boneca. Após dizer isso, Julia pegou a boneca e a colocou deitada em cima da sacola, na “cama”.

Nosso tempo já estava terminando e disse para Julia que estava na hora de guardar os brinquedos para ir embora. Ela imediatamente começou a guardá-los, me ajudando e segurando a sacola. Ficou segurando a sacola e olhando para mim. Disse que podia colocar em cima da mesa e ela o fez. Ao abrir a porta da sala, vi que sua mãe estava em pé próxima a porta esperando, ao invés de esperar na sala de espera. Julia foi embora andando com sua mãe.

Obs.: Cabe ressaltar que a sessão teve a duração de trinta minutos, pois a mãe chegou atrasada.

2ª sessão

Julia estava na recepção aguardando no colo da mãe Luciana. Chamei por Julia e sua mãe se levantou e fez movimento de acompanhá-la até a sala. Disse que ela poderia aguardar ali mesmo e eu levaria Julia.

Até chegarmos à sala, Julia veio andando de mãos dadas comigo. Eu puxava alguns assuntos, mas ela não correspondia. Estava séria olhando curiosa para o lugar. Entrei com ela na sala, mostrei a cadeirinha pequena e perguntei se queria sentar, ela afirmou com a cabeça. Agachei e expliquei o que iríamos fazer e disse que ia fechar a porta. Apontei para o saco de brinquedos e disse que tinham muitas coisas legais lá dentro. Perguntei “Vamos abrir?”. Coloquei o saco no chão e fui mostrando os brinquedos para ela. Perguntei se queria se sentar no chão para brincar comigo, ela afirmou com a cabeça. Sentou no chão sozinha, sem minha ajuda. Abriu a caixa de blocos e começou a tirá-los da caixa. Eu comecei a montar o blocos, um em cima do outro, para ela ver, mas num primeiro momento ela não se interessou e continuou tirando os blocos da caixa.

Cabe ressaltar que nesta sessão, percebi que Julia começou a brincar e explorar o brinquedos sozinha, sem que eu precisasse apresentá-los para ela como fiz na primeira sessão.

Pegou o bloco mágico, tentou abrir, não conseguiu e eu ensinei para ela como abria. Juliane ficava colocando e tirando as pecinhas de dentro. Ela sorria bastante, parecia gostar do brinquedo. Tentei mostrar para ela que havia semelhança nos formatos (peças iguais aos buracos), mas ela não se mostrou interessada, ela nem olhava o que eu estava fazendo. Continuou colocando as peças do seu jeito, forçando bastante para a peça entrar, como era no buraco errado ela não conseguia colocar. Aos poucos fui orientando onde tinha que colocar as peças, apontando com meu dedo “Tenta nesse aqui”. Ela tentava e conseguia, sorria bastante e ficava feliz. Fazia sons quando conseguia encaixar: “ohh”.

Com os blocos de madeira, ela montava um em cima do outro tentando falar e sorrindo bastante. Eu dizia: “Isso Jú! Muito bem!” e ela sorria. Ela colocava os blocos em pé, um em cima do outro, olhava para mim e dizia: “ohhh, ohhh” como querendo me mostrar o que havia feito.

Percebi que ao pegar meu celular para ver as horas, Julia ficava olhando com atenção cada movimento que eu fazia. Num momento, quando peguei meu celular percebi que ela estava olhando e guardei na bolsa, sem dizer nada. Ela apontou para a minha bolsa emitindo sons. Eu peguei o celular de volta e perguntei “Você quer ver? É um celular! De conversar e falar alô. Eu olho as horas no celular para saber quanto tempo ainda tem de brincadeira com a você.” Ela pegou o celular e ficou apertando os botões, bastante interessada, sorrindo. Eu dizia que não era brinquedo, todos os outros eram, mas o celular era de “gente grande” e pedi para ela

me devolver. Tive que retirá-lo de sua mão, mas ela reagiu com calma e não insistiu em ficar com o celular. (Apontava para o meu pulso e para o celular).

Puxou a cadeirinha para se sentar. Empurrando com as mãos, colocou a cadeira na minha frente e se sentou. Ficou brincando de arrastar a cadeira no chão. Depois pegou a cadeira grande e apontou para ela. Perguntei se era para mim, ela sorriu. Eu disse que não queria sentar na cadeira. Ela ficou sentada em sua cadeirinha e quis continuar a brincadeira dessa forma: eu no chão e ela na cadeirinha. Julia estava bastante sorridente.

3ª sessão

Assim que cheguei à recepção chamei por Julia e cumprimentei sua mãe, Luciana. Esta ao se levantar com a filha disse: *“Olha, ta andando! Era manha de Jú, né?”* Eu perguntei o porque dela dizer aquilo e ela respondeu que a filha passou o dia anterior sem andar. Só conseguia andar pela casa com a ajuda da mãe. Disse também que ela estava com muita fraqueza na perna esquerda. Julia foi andando de mãos dadas comigo e com sua mãe até o corredor.

Fui andando com Julia até a sala. Ela estava caminhando lentamente, com as pernas tremendo, mas estava conseguindo andar. Quando entramos na sala ela quis se sentar na cadeirinha e ficou me olhando. Eu mostrei o saco azul de brinquedos que estava em sua frente e perguntei “O que será que tem aqui dentro?” “Nossa! Olha só isso, que legal!” Ela ficou sorrindo e curiosa para ver o que tinha dentro da sacola. Dava risadas e olhava para mim atenta. Foi abrindo a sacola lentamente e com a minha ajuda. Abriu a caixa onde estava o brinquedo de blocos de madeira. Ela gostou bastante desse brinquedo e já começou a tentar falar,

dizendo: “Oh, oh...” apontando para o brinquedo. Ela sorriu quando viu os dois bonecos de pano.

Demonstrou bastante interesse pelo boneco bruxo que tinha um chapéu pontudo. Julia deu uma risada alta quando eu mostrei para ela e ficou apontando para o chapéu. Pegou o boneco da minha mão, ficou examinando-o e apontava para o cabelo e tentava falar alguma coisa que não pude entender. Em seguida, apontava para o pescoço do boneco e depois colocava a mão em seu próprio pescoço, tentando falar algo. Depois começou a brincar com o brinquedo de madeira. Toda vez que encaixava uma peça, dizia “Oh, oh!” apontando e olhando para mim. Eu sorria, comentava alguma coisa ou batia palmas para ela. Depois ela passou a bater palmas também, cada vez que encaixava uma peça. Gostava quando batíamos palmas juntas, se mostrava muito feliz.

Num determinado momento da brincadeira, Julia tentou falar algo e passou a mão em seu cabelo (estava preso e com uma trança muito bem feita). Entendi que ela estava querendo me mostrar o penteado, elogiei o cabelo e ela falava “Mama, mama”. Eu perguntei: “Foi sua mamãe que fez?” Ela afirmou com a cabeça. Apontou para a minha bota e tentava falar algo, eu não conseguia entender. Ela repetia e apontava para a sua botinha. Eu disse: “Olha, você também esta com uma bota, mas a sua é rosa. Muito linda! Sua mamãe que te deu?” Ela disse: “Papa...Papa”. Querendo dizer Papai, provavelmente.

Julia estava muito falante na sessão de hoje. Sorria bastante e muitas vezes tentava falar frases longas. Foi a primeira vez em que ela se mostrou tão falante comigo. Me senti um pouco desconfortável por não conseguir entender o que ela dizia. Quando olhei no meu celular, ela tentou falar algo apontando para o seu pulso.

Eu disse que estava vendo as horas mesmo, ela tinha razão. Mas disse também que ainda tínhamos tempo para brincar.

Teve um momento em que ela foi se sentar na cadeirinha e quase caiu para trás. Eu a segurei rápido e disse “Cuidado, Jú! Você tem que tomar cuidado quando for se sentar.”

Diversas vezes, Julia apontava para a porta e tentava dizer algo. Não sabia direito o que responder, as vezes e dizia que não estava entendendo e pedia para ela repetir.

4ª sessão

No corredor a caminho da sala de atendimento, havia alguns desenhos infantis pendurados no mural. Eles chamaram a atenção de Julia que ficou parada olhando e apontando para os desenhos, sorrindo e tentando dizer alguma coisa. Eu parei ao seu lado e comecei a mostrar para ela cada desenho. Ela parecia gostar de ficar olhando e observava cada um com atenção diversas vezes. Depois de algum tempo olhando os desenhos, fomos para a sala.

No caminho da sala, Julia aponta para as outras salas se mostrando interessada. Ela se interessa pelas outras salas, aponta, fala algumas coisas que não consigo entender e sorri. Algumas vezes entrei com ela nessas outras salas de atendimento que estavam vazias. Ela parecia gostar bastante, apontava para a cadeira infantil, para a cadeira de adulto, observando a sala. Nesta sessão Julia se mostrou muito interessada pelo brinquedo da Mônica. Gostava de tirar os bonequinhos e me mostrar o que ela fazia. Gostava de brincar também com os fantoches de feltro. Colocava as roupas de modo errado (blusa nas pernas/ calças

na cabeça), ela colava as roupas e gostava de ver como elas ficavam penduradas nos bonecos, dava risada com isso.

Num certo momento, eu quis manusear os fantoches, coloquei as mãos por dentro dos bonecos e fingia que eles eram reais, imitando suas vozes e mexendo os bracinhos. De início, Julia ficou olhando interessada, mas percebi que se assustava se eu aproximasse o fantoche dela. Ela segurou uma peça de roupa e estendeu o braço como se fosse dar ou colocar a roupa no fantoche, e eu continuando a brincadeira fingi que o fantoche ia pegar a peça de roupa das mãos de Julia. Abri os braços do fantoche e o aproximei dela. Neste momento ela se assustou muito, deu um grito e se jogou para trás. Eu me assustei também. Disse para ela se acalmar, mostrei que era de “mentirinha” e tirei as minhas mãos de dentro e apertava o fantoche para ela ver que não havia nada dentro dele e que era só um boneco. Tentei explicar com calma para ela entender que eram apenas as minhas mãos, que o boneco não tinha vida e não podia se mexer sozinho. Depois que ela se acalmou, perguntei se ela não queria colocar as mãos dentro do fantoche também para poder brincar com ele e o virei para ela, que não se mostrou interessada e continuou brincando com outros brinquedos.

5ª sessão

No corredor eu disse à Julia que estava sentindo frio e perguntei se ela estava com frio também. Ela afirmou com a cabeça, disse “Mama” pegando na sua blusa. Disse que ela também sentia frio e que sua mamãe a tinha agasalhado. Novamente ela afirmou com a cabeça.

Chegamos à sala e ela sentou na cadeirinha olhando para a sacola de brinquedos. Eu dizia: “O que será que tem aqui? Vamos ver?”. Quando tirei o brinquedo das minhocas, ela o segurou e pegou o martelinho para brincar. Ela batia com muita força nas minhocas, repetidas vezes, parava e olhava para mim dizendo: “Ohh, ohh!” apontando para alguma das minhocas. Eu dizia algo sobre a brincadeira, como por exemplo, “Sim, ela ficou mais alta agora, né? Ou “Ela ficou pequeninha de tanto bater na cabeça dela”. Julia continuava a brincadeira batendo com muita força, cada vez mais forte.

Num certo momento, ela olhou para as minhas botas, apontou para elas tentando dizer alguma coisa e em seguida apontou para as botas dela. Ela estava usando botinhas cor de rosa. Olhou para a minha meia calça (eu estava usando vestido com meia calça e botas), apontou encostando na minha perna e sorriu. Eu disse que se chamava meia calça e que esquentava do frio. Em seguida, Ju tentava dizer algo passando a mão nas pernas ou na virilha. De início, eu não entendi o que ela estava querendo me dizer. Disse que o que ela estava usando não era meia calça, era calça de moletom. Mas ela continuava apontando para sua virilha e passando a mão nela. Nessa hora eu pensei que Julia estivesse machucada e fiz esta pergunta para ela. Ela disse que não com a cabeça. A gente continuou a brincadeira e depois de um tempo ela fez as mesmas coisas, apontando para a minha meia calça e passando a mão na sua perna. Perguntei para ela que apenas dizia Mama ou Papa. Eu perguntei se podia olhar e levantar a calça dela para ver a meia. Quando levantei a calça, vi que ela estava usando um tipo de meia mais grossa que meia calça, feita de algodão bem colorida e que subia até a cintura, como se fosse uma meia calça.

Na hora de ir embora, quando eu abri a porta Julia foi andando na minha frente sem me dar sua mão, como de costume. Eu dizia para ela me esperar e perguntei se queria me dar a mão, mas ela continuou andando sem dizer nada. No corredor ela andava mais rápido para chegar logo até a sala de espera.

6ª sessão

Julia iniciou a sessão da mesma maneira que costuma brincar nas outras sessões. Mostrando bastante interesse pelo brinquedo bate-minhocas. Ela pega o brinquedo e fica batendo na cabeça das minhocas com o martelinho, olhando para mim e esperando que eu diga alguma coisa, que eu descreva o que ela fez. Ela começa a bater com mais força nas minhocas, fazendo um barulho alto. Eu faço uma cara de assustada e coloco as mãos no ouvido dizendo em tom de brincadeira: “Nossa, que barulhão!”. Ela dá risada e parece se divertir.

Durante essa brincadeira eu reparei que a boneca estava em cima da mesa e ainda não tinha sido explorada por ela. Pensei em introduzir a boneca na nossa brincadeira e então eu digo para ela que vou fazer a boneca dormir. Ela me olha e presta atenção no que estou fazendo, muito atenta. Eu balanço a boneca no meu colo e canto uma música de ninar e faço carinho na cabeça da boneca. Julia fica olhando, sorri e volta a brincar. Então, eu coloco a boneca sentada no meu colo e finjo que ela está brincando também. Pego o martelinho e coloco nas mãos da boneca, segurando e fingindo que é a boneca quem está batendo nos pinos. Julia começa a apontar para os pinos que ela quer que a boneca bata. Ela sorri, parece gostar dessa brincadeira.

Ela volta a bater com força nos pinos esperando uma reação minha. Dessa vez eu tampo os ouvidos da boneca e não os meus. Ela repara e passa a olhar para

a boneca e não para mim. Ela repete essas ações diversas vezes e numa delas eu tampo os meus ouvidos e em seguida ela aponta para os ouvidos da boneca. E então eu tampo os ouvidos da boneca. Num certo momento, Julia coloca o martelinho nas mãos da boneca, para repetir o que eu havia feito. Eu aproximo a boneca dela e finjo que ela esta batendo. Eu digo: “Julia, ela também gosta de brincar! Olha só!” Ela gosta e fica brincando de bater com a boneca e eu ajudando a segurar.

Coloco a boneca em cima da mesa e peço para brincar de bater com ela. Julia me dá o martelinho e eu começo a brincar com ela. Ela aponta para os pinos que ela quer que eu bata. Num determinado momento, Julia pega a boneca e a coloca em seu colo, segurando com uma mão e continua a brincadeira de bater com a outra mão. Nessa hora eu digo que a boneca esta gostando muito do colo dela e mostro que a boneca esta sorrindo e feliz de estar ali. Julia sorri e volta a brincar. A boneca cai no chão, ela abaixa para pegá-la, depois cai de novo e ela volta a pegar. Depois cai mais próximo de mim e eu pego para ela.

Julia volta a brincar de bater os pinos. Eu seguro a boneca como um bebê e faço carinho na cabeça dela. Julia olha e aponta para o cabelo da boneca e em seguida para o dela querendo dizer alguma coisa. Ela faz carinho na cabeça da boneca. Depois pega o martelinho e coloca na mão da boneca introduzindo-a na sua brincadeira. Ela brinca um pouco e depois volta segurar a boneca em seu colo e eu novamente digo que a boneca esta gostando muito do colo dela. Julia segura a boneca como um bebê e faz carinho na cabeça dela, me olhando. Eu digo que a boneca esta gostando muito do carinho dela e falo para fazer a boneca dormir, balançando. Julia começa a balançar devagar a boneca em seu colo e eu começo a

cantar. Ela parece gostar, mas não fica muito tempo dessa forma. Ela coloca a boneca em seu colo e volta para sua brincadeira dos pinos.

7ª sessão

No início da sessão, ficamos brincando de fazer comidinhas para a boneca e em seguida fazê-la dormir. Esta sequência foi repetida diversas vezes por vontade de Julia. Quando estava na hora de colocar a boneca para dormir, Julia a pegava em seu colo, balançando-a devagar e apagava a luz. Depois de um tempo, quando Julia apagava a luz com a boneca em seu colo eu começava a cantar canções de ninar. Então, Julia deixava um tempo escuro, sorrindo enquanto eu cantava, depois acendia a luz e eu continuava cantando para ver qual a sua reação. Ela colocou a mãozinha estendida próxima ao meu rosto. Entendi perfeitamente que era para eu parar de cantar.

Quando voltamos a fazer comidinhas de novo, num determinado momento eu acabei dizendo que gostava de comer ovo, então ela estendeu o braço me oferecendo o ovo que estava em suas mãos. Perguntei se era para mim e se eu podia comer, ela afirmou com a cabeça.

Foi observado que Julia estava mais ativa nesta sessão. Ela se levantou da cadeira diversas vezes, ficava um pouco em pé e depois voltava a se sentar. Numa das vezes em que ela se levantou com a boneca eu perguntei a ela o que poderíamos fazer e sugeri em seguida para darmos uma volta lá fora da sala. Ela gostou da idéia e tentou abrir a porta. Começamos a passear com a boneca, cada uma segurando em uma de suas mãozinhas. Fomos até o bebedouro, Julia quis beber água, deu um pouco de água para a boneca e voltamos. Ela quis repetir esta

saída três vezes, sempre do mesmo modo, repetindo os mesmos gestos, sempre bebendo água, dando um pouco para a boneca e voltando rápido para a sala.

Ao finalizar a sessão, expliquei para ela que eu precisava conversar um pouco com a sua mãe e que iríamos lá à recepção buscá-la e voltar para a sala. Ela apontou para uma das cadeiras de adulto tentando dizer algo e eu disse que sentaria em uma delas, a mamãe em outra e ela sentaria em sua cadeirinha. Julia pegou uma das cadeiras de adulto encostando-a na parede, tentando arrumar a sala para sua mãe. Chegamos à recepção e Julia parecia estar bem feliz e empolgada. Após chamar sua mãe, fomos andando de volta até a sala e Julia foi andando com muita rapidez e sorrindo. Quando entramos, ela apontou para a cadeira que tinha arrumado para a mãe.

8ª sessão

Assim que entramos na sala Juliane sentou na sua cadeirinha e começou a abrir o saco de brinquedos. Quando retirou a boneca demonstrou muita felicidade. Eu abri a caixa de médico e apresentei cada peça para ela, dizendo o que cada uma delas fazia. Propus de cuidarmos da boneca e ela aceitou. Pegou a boneca e me deu. Fingi que estava ouvindo o coração da boneca, fiz barulhos como: “Tum, tum – Tum, tum”. Ela se mostrou interessada e curiosa na nova brincadeira, mas não quis fingir que estava ouvindo o coração. Tentei incentivá-la, mas não aceitou.

Após a brincadeira de médico, começamos a brincar de fazer comidinha para a boneca. Julia queria dar o “ôôô” (ovo) para ela. Colocou o ovo na colher e fingiu que estava alimentando-a. Ficamos um tempo brincando de comidinha e depois ela quis retornar a brincadeira de médico. Ela começou a pegar as peças e instrumentos para cuidar da boneca. Apontava para o corpo dela dizendo onde estava doente e

onde precisava ser cuidado. Eu perguntava: Onde está dodói? E ela apontava dizendo: “Totó, totó”. Quis retirar a roupa da boneca para usar o instrumento de ouvir o coração. Quando a boneca ficou nua ela apontou para a vagina dela tentando dizer alguma coisa que não consegui entender. Ela insistiu nisso e então eu disse que era a “periquitinha” da boneca. Então, Julia parou de apontar e de, supostamente, perguntar. Ficou ouvindo a barriga da boneca. Depois apontou para o bumbum e eu perguntei se ele estava dodói também. Ela confirmou com a cabeça. Colocamos curativo no bumbum da boneca e em outros lugares que Julia apontava, como: barriga, os dois pés e peito.

Após esta brincadeira Julia quis voltar a fazer comidinha. Depois de dar algumas coisas para a boneca comer, ela começou a balançar a boneca em seu colo e fingir que estava colocando-a para dormir. Então, eu comecei a cantar a música de ninar: *“Nana neném que a cuca vem pegar. Mamãe foi na roça, papai foi trabalhar.”* Percebi neste momento que Julia se mostrava bastante ansiosa com esta canção, repetindo diversas vezes *“mama, papa, mama, papa”* enquanto eu cantava a música. Ela parava de repetir as palavras apenas no momento em que eu cantava a parte em que dizia sobre a mamãe e o papai. Percebi que ela se acalma um pouco, contudo volta a ficar repetindo *“mama, papa”* durante a canção.

Pergunto para ela: *“É a mamãe que vem buscar? É o papai? Quem vem buscar?”* Neste momento, Julia faz o número 2 com a mão. *“Os dois, a mamãe e o papai vão buscar. Então não tem cuca?”* Nesta hora, Julia diz “não” bem alto e com voz firme. *“Tudo bem. Olha Julia, eu vou cantar e você vai me dizer se está certo, ok?”* Cantei novamente a música, mas de um jeito diferente: *“Nana neném, que o papai vem pegar. Mamãe tá na roça e o papai foi trabalhar.”* Ela se mostrou muito feliz, sorria e batia palmas. E repetia comigo papai e mamãe muitas vezes, fazendo

o número 2 com as mãos. Ao final da sessão, eu disse para ela que foi legal brincar de medico e de cuidar da boneca e ela disse, fazendo o número 2 com as mãos: “Mamãe, papai”

9ª sessão

Ao entrar na sala, Julia senta na cadeira e pega a sacola de brinquedos. Olha para mim sorrindo e aponta para a sacola dizendo: “oohh – oohh”. Ela começa a tirar os brinquedos de dentro da sacola me dando um de cada vez.

Após tirar todos os brinquedos, Julia coloca as comidinhas dentro da panela que estava em cima do fogãozinho. Mexe os alimentos com uma colher repetindo os nomes das comidas que havia dentro da panela: “ôôô” para ovo; “tsí” para salsicha; “páum” para pão. Em seguida, segura o ovo com a colher e dá para a boneca comer dizendo: “Lê-lê”.

Enquanto ela brincava, os brinquedos que estavam em cima de sua mesa caíam o tempo todo. Ela esbarrava com as mãos quando ia fazer algum movimento. Quando os brinquedos caíam, ela olhava para mim com um sorriso tímido, parecendo que estava esperando que eu a repreendesse. Quando isso acontecia, eu apenas dizia que os brinquedos tinham caído no chão e que não tinha problema por isso acontecer. Ela ficava me olhando e depois de um tempo recolhia o que havia derrubado. Volta a brincar com as comidas. Começa a balançar para cima e para baixo a panelinha com comidas dentro até que todas estas caíram no chão. Novamente, ela me olhou e deu risada antes de recolher as comidas do chão.

Depois de brincar com as comidas, Julia pegou a boneca em seu colo, cruzou as pernas e ficou balançando para fazer a boneca dormir. Pegou um potinho de talco e deu para a boneca beber como se fosse mamadeira. Em seguida, apagou a

luz e continuou o seu movimento de balançar a boneca. Digo que a boneca estava dormindo e que eu iria falar bem baixinho para não acordá-la. Julia acena com a cabeça, concordando comigo, mas não diz nada. Depois de um tempo, ela acende a luz e diz: “atôôô”. Eu pergunto se a boneca acordou e ela afirma com a cabeça.

Pega o copinho e começa a repetir: “ááá-ááá”. Eu pergunto se o que ela está dizendo é água e ela diz que sim. Então, pergunto se a boneca está com sede e ela diz que sim repetindo “ááá”. Pergunto onde tem água para darmos para a boneca e ela aponta para a porta. Vou com Julia até o bebedouro e ela leva a boneca numa mão e o copo em outra mão. Coloca água no copinho e volta para a sala.

Ao sentar, coloca a boneca em seu colo e aproxima o copo de sua boca até que caia um pouco de água em cima da boneca. Ela olha para mim sorrindo e eu digo que ela havia molhado a boneca. Ela me mostra sua mão e coloca embaixo do queixo da boneca querendo mostrar que ela iria segurar a água. Vira o copo novamente deixando cair mais água do que na primeira vez e fica entusiasmada, rindo alto e me mostrando sua mão molhada. Cai água na boneca e na perna de Julia. Ela olha para sua perna molhada, passa a mão em cima e diz: “tsi”. Julia costuma dizer tsi quando quer se referir ao xixi. Então, pergunto se a boneca tinha feito xixi e ela diz que sim. Ela coloca a boneca no meu colo, coloca a mão embaixo da boca da boneca e vira o copo até a água cair. Novamente, molha a boneca, sua mão, o chão e dessa vez minha perna. Digo para ela que dessa vez eu também fiquei molhada e o chão também. Ela aponta para os papéis que ficam na parede e diz que tem que limpar. Eu digo teríamos que limpar mesmo, pois estava tudo molhado. Ela se levanta e fica repetindo “Lêlê” e apontando para a boneca, pega uma folha de papel e começa a limpar o chão. Pergunto se foi a Lêlê que havia derrubado a água no chão e ela diz que sim e fica repetindo Lêlê. Fica um bom tempo

esfregando o chão com o papel, em movimentos circulares, em silêncio. Levanta, vai até o lixo e espreme o papel até sair um excesso de água e volta com o mesmo papel para limpar o chão de novo. Ela dedica um bom tempo nessa tarefa. Eu permaneço em silêncio e ela também. Ao se levantar eu digo para ela que o chão ficou seco e limpo, ela sorri e joga o papel no lixo, concordando que conseguiu deixar o chão limpo.

Senta na cadeira e começa a desenhar. Todos os desenhos – rabiscos – que fazia ela dizia que eram a Lelê e apontava para a boneca. Desenhou nas três folhas, pequenos rabiscos em forma circular. Enquanto fazia seu primeiro desenho, ela me deu uma folha e um giz. Começo a desenhar junto com ela, mas enquanto eu desenhava Julia parava o desenho dela e fazia alguns rabiscos na minha folha, parecidos com os de sua folha. Todos os seus rabiscos eram a Lelê ou partes do corpo da boneca, como as mãos, olhos, boca, nariz e cabeça.

O tempo da sessão já estava acabando e eu aviso para Julia que logo teríamos que guardar os brinquedos para ir embora. Nesse momento, ela começa a falar por cima da minha fala e apontando para o meu relógio. Não consegui entender o que ela estava tentando dizer, mas quando eu ia repetir que estava terminando o tempo ela voltava a falar por cima de minha fala.

Continuou desenhando por um tempo até eu avisá-la novamente que deveríamos guardar os brinquedos para ir embora. Ela continuou desenhando sem dizer nada. Esperei um pouco, levantei e arrumei minha cadeira embaixo da mesa como fazemos quando saímos da sala. Julia olhou para mim e disse: “pééé”. Eu digo que já estava em pé, pois o nosso tempo já havia terminado. Ela volta a desenhar. Eu espero um tempo e olho para ela dizendo que estava na hora de ir embora e que ela poderia continuar desenhando na próxima semana. Ela começa a dobrar os

desenhos, as três folhas de papel, enrolando-as. Julia dedicou um bom tempo enrolando as folhas, guardou os brinquedos que estavam no chão e saímos da sala. No corredor, virou para a sala e fez “tchau” com a mão.

10ª sessão

A porta da sala de atendimento estava fechada e Julia ficou tentando abrir, girando a maçaneta para o lado errado. Eu digo para ela que aquele é o lado errado e que para abrir a porta ela deveria girar para a outra direção. Ela tenta mais uma vez e consegue abrir.

Ao entrar na sala, senta na cadeira e olha para a porta que ficou aberta apontando e dizendo algo como se ela quisesse que fechasse. Eu levanto e fecho a porta. Ela abre a sacola de brinquedos, tirando um de cada vez dizendo “ôôô” ao buscar mais brinquedos. Entendi que estava querendo encontrar o ovo. Quando terminou de tirar todos os brinquedos, brincou com as comidinhas e fez a boneca, a qual chama de Lêlê, dormir em seu colo. Apagou e acendeu a luz nesse momento da brincadeira.

Depois de um tempo, pára de brincar, fica olhando para os lados, olha para o ventilador e aponta para ele dizendo alguma coisa. Coloca a boneca no meu colo, se levanta da cadeira e caminha até o ventilador, sobe de joelhos em cima da cadeira para conseguir ligá-lo. Volta para a sua cadeirinha e continua a brincadeira, dando comida para a boneca que estava no meu colo. Olha para o penico em cima da mesa e coloca a boneca em cima dele e diz: “to-tô” e “tsi-tsi”. Em seguida, se levanta e pega papel para limpar a boneca. E faz novamente essa brincadeira, colocando a boneca no penico.

Num determinado momento, deixa a boneca sentada no penico, se levanta e começa a arrastar pela sala a sua cadeirinha. Arrastando-a para frente e para trás, repetidas vezes. Fazendo força ao arrastar para frente até a cadeira chegar embaixo da mesa. Divertia-se muito com isso. Coloca a cadeira próxima à mesa de adulto, senta e fica batendo palmas. Coloco minha cadeira ao lado dela e começo a bater palmas também. Ela parece gostar e fica sorrindo bastante.

Durante essa brincadeira ficava repetindo “Lêlê” e eu disse que a Lêlê estava fazendo cocô. Ela pega a boneca dizendo que tem que limpá-la. Pega um pouco de papel, limpa a boneca, joga o papel no lixo e esfrega uma mão na outra dizendo “mão” e “áááá”. Entendi que ela queria lavar as mãos da Lêlê e pergunto se é isso que ela queria fazer. Julia afirma com a cabeça e nós saímos da sala e vamos até o banheiro. Ela lava as mãos da boneca enquanto eu lavo as minhas mãos também. Depois pega alguns papéis para secar as mãos e voltamos para a sala. Julia repete a brincadeira colocando a boneca novamente no penico. No final, dizia que queria lavar as mãos. No entanto, dessa vez Julia deixa a boneca na sala dizendo para ela esperar. Vou com Julia até o banheiro, lavamos nossas mãos, secamos e voltamos para a sala. No meio do caminho ela dizia que iríamos comer fazendo sinais com suas mãos.

Entramos na sala, Julia arruma minha cadeira para eu sentar e quando eu sento, ela arrasta minha cadeira para perto da mesa, pedindo para que eu colocasse meus pés embaixo da mesa. Dessa vez, Julia dava as comidas para eu comer ao invés da boneca. Me dava comida na boca e leite no copo, colocando sua mão embaixo da minha boca para não deixar cair, como costuma fazer com a boneca. Perguntei se ela também iria comer e ela começa a comer o ovo, imitando os movimentos que eu fazia.

Voltou a iniciar a brincadeira de arrastar a cadeira pelo chão, me chamava com a mão para que eu me sentasse ao seu lado. Puxou sua cadeira se sentou em minha frente. Olha para mim e me chama com as mãos. Eu sento ao seu lado, estávamos de frente para a porta. Julia ficou sorrindo o tempo todo. Ela arrasta sua cadeira para atrás até bater a cabeça na mesa, sem perceber. Dá um grito, mas não chora. Apenas se assusta e volta a dar risada.

Senta perto da mesa novamente e diz que devemos lavar as mãos. Ela me puxa pelo braço e me leva de mãos dadas até o banheiro. Lavamos nossas mãos e na hora em que ela termina de secar as mãos, ela vem até mim e seca as minhas mãos também. Voltamos para a sala e continuamos a brincadeira de fazer comida. Ela me dá a comida na boca pedindo para a boneca esperar. Pergunto se a Lêlê vai comer também e ela aponta para mim. Eu pergunto quem é a Lêlê e ela novamente aponta para mim. Continuamos a brincar de comida e Julia diz que devemos lavar as mãos de novo. Vamos até o banheiro e repetimos as mesmas coisas.

Quando voltamos para a sala, digo que o tempo esta acabando e ela pede para irmos lavar as mãos de novo. E eu digo que não, pois não temos tempo. Ela diz: “sim”. Eu digo: “não”. Ela sorri, insiste novamente e eu digo que não. Guardamos os brinquedos juntas e ao sair da sala, Julia dá tchau olhando através das janelinha da sala.

11ª sessão

Caminho com Julia pelo corredor de mãos dadas em direção à nossa sala. Ela pára no corredor e fica olhando para os desenhos que estão no mural, apontando para cada um deles, dizendo algo sobre cada desenho. Continuamos a

andar e logo em seguida, Julia solta a minha mãe e vai sozinha até a sala de atendimento e abre a porta para entrar.

Ao entrar na sala, Julia vai em direção ao ventilador e aperta o botão para ligá-lo e em seguida faz gestos dizendo que está com calor. Enquanto isso eu fecho a porta. Depois de ligar o ventilador, ela olha para mim, arrasta uma cadeira de adulto e a coloca na frente da mesa infantil na qual sempre brincamos e aponta para a cadeira. Eu sento na cadeira e ela me empurra para próximo da mesa. Julia vai até a porta que está fechada e fica girando a maçaneta olhando para mim. Eu pergunto o que ela está fazendo e ela diz: “Etô, etô”. Eu digo: “Fechou. A porta fechou.” Ela afirma com a cabeça e senta na cadeirinha.

Ao sentar, pega a sacola de brinquedos e começa a tirá-los de dentro. Primeiro, pega a banheira, sorrindo ao vê-la. Vai tirando um brinquedo de cada vez, sempre colocando-os em minhas mãos. Olha para mim e diz, “atô!”. Eu pergunto se acabaram os brinquedos da sacola e ela diz que sim e que não tem mais, dando a sacola em minhas mãos. Eu olho dentro do saco e vejo que ainda tinha um copinho, mas deixa lá dentro.

Julia coloca a boneca dentro da banheira, passa a mão em seu próprio cabelo e em seus braços. Eu digo que a boneca vai tomar banho, vai lavar o cabelo e o corpo. Depois, Julia coloca todas as comidinhas dentro da panela, fecha a tampa, batendo repetidas vezes em cima da panela, e começa a balançar segurando com as duas mãos. Depois ela retira a tampa, pega o ovo e finge que está comendo e aponta para o pão olhando para mim. Eu pego o pão e também finjo que estou comendo. Ela se levanta da cadeira e vem em minha direção segurando o leite. Coloca as mãos embaixo de minha boca e me dá o leite, segurando-o enquanto eu tomo. Digo que ela é a mamãe e está cuidando de mim. Ela aponta para ela mesma

dizendo: “mamãe”. Eu digo que eu sou um bebê. Ela diz: “não”. Pergunto se eu sou a Lelê (boneca). Ela responde que não e aponta para a boneca.

Após terminar de fazer as comidinhas, Julia lava a panela e o prato colocando-os em cima da mesa. Olha para mim, sorri e fica por um tempo parada.

Então, Julia pega a panelinha com as comidas dentro e coloca no chão, repetindo “chão” para mim. Eu digo que ela quer brincar no chão e começamos a colocar todos os brinquedos no chão.

Depois de colocarmos todos os brinquedos no chão, Julia começa a limpar a mesa com uma folha de papel fazendo movimentos circulares. Olha para mim e faz um gesto com as mãos pedindo para eu esperar. Nesse momento eu estava sentada no chão e Julia em pé limpando a mesa. Digo para ela que “eu estou esperando a mamãe limpar, estou esperando a mamãe tirar toda a sujeira. Nada pode ficar sujo para a mamãe, por isso ela precisa limpar tudo.” Enquanto ela limpava, virava para mim algumas vezes e pedia para eu esperar e em seguida repetia mamãe. Eu dizia para ela que “eu estava esperando a mamãe tirar o sujo”. Julia continuava sua limpeza de maneira repetitiva e insistente.

Depois de limpar a mesa, ela olha para os brinquedos no chão e nesse momento eu estava segurando a boneca, sentada no chão. Julia diz: “pééé”. Eu repito para ela: “pé?” E ela diz novamente “pé” jogando as mãos para cima, como se quisesse dizer “em pé”. Digo para ela que a boneca vai ficar em pé e coloco a boneca dessa forma. Nesse momento, Julia segura na mão da boneca e faz com que eu segure a outra mãozinha. Eu me levanto e nós duas estamos segurando a boneca. Julia vai em direção a porta e segura a maçaneta. Eu pergunto: “para onde vamos?” Ela abre a porta, nós saímos da sala, Julia fica parada na porta olhando para o lado de dentro e fazendo sinal de “espere” com a sua outra mão para os

brinquedos que ficaram no chão. Nós vamos caminhando pelo corredor de mãos dadas e quando chegamos à metade, Julia pára e diz: “não, não” sorrindo. E volta para a sala.

Ao entrarmos na sala, Julia pega a boneca de minhas mãos e a coloca no chão, pede para eu sentar também, segurando no meu braço. Eu sento e pergunto se vamos brincar no chão. Julia me chama com as mãos, eu levanto, ela pega em minhas mãos e me leva para fora da sala, me posiciona de frente para a porta, encostada na porta de outra sala de atendimento. Pede para eu esperar. Entra na sala, fecha a porta e fica batendo na porta fazendo barulhos. Eu permaneço como ela me deixou. Ela abre a porta, pede para eu esperar e me dá todos os brinquedos, colocando-os todos em minhas mãos, sempre pedindo para eu esperar. Volta para a sala e fica limpando a mesinha. Volta ao meu encontro e coloca todos os brinquedos no chão, me chama para entrar na sala e os brinquedos ficam no corredor do lado de fora. Falo sobre o sujo e a limpeza. Julia diz repetidas vezes: “mamãe”.

Ela me leva para fora novamente, me colocando na frente da porta, pedindo para eu esperar. Trás as cadeirinhas, posiciona as duas, uma ao lado da outra. Sentamos em seguida ela se levanta. Passa um garotinho pequeno para entrar em atendimento na sala ao lado. Ela aponta para ele dizendo nenê. Nessa hora quis voltar para a sala novamente.